

Universidade de São Paulo
Escola de Educação Física e Esporte
de Ribeirão Preto

Vinicius da Silva Musa

O jogo ofensivo e defensivo nas categorias de base do handebol paulista: Concepções e atuação dos treinadores.

Ribeirão Preto

2019

VINICIUS DA SILVA MUSA

O jogo ofensivo e defensivo nas categorias de base do handebol paulista: Concepções e atuação dos treinadores.

Versão Original

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação Física e Esporte.

Linha de Pesquisa: Aspectos Pedagógicos e Socioculturais do Esporte

Orientador: Prof. Dr. Rafael Pombo Menezes

Ribeirão Preto

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Musa, Vinicius da Silva

O jogo ofensivo e defensivo nas categorias de base do handebol paulista: Concepções e atuação dos treinadores. Ribeirão Preto, 2019. 76f.

Dissertação de Mestrado, apresentada à Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto/USP.
Área de concentração: Aspectos Pedagógicos e Socioculturais do Esporte.

Orientador: Menezes, Rafael Pombo.

1. Handebol. 2. Treinador. 3. Formação Profissional. 4. Ensino-Aprendizagem-Treinamento. 5. Fase Defensiva. 6. Fase Ofensiva

MUSA, V.S. **O jogo ofensivo e defensivo nas categorias de base do handebol paulista: Concepções e atuação dos treinadores.** 2019. 76f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2019.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Agradecimentos

Agradeço inicialmente ao meu orientador Rafael Pombo Menezes pela colaboração e orientação na confecção do trabalho e à banca examinadora pelas considerações e sugestões pertinentes para o aprimoramento da pesquisa. Agradeço à Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto juntamente aos seus funcionários, pela oportunidade da realização do curso de mestrado e das atividades extracurriculares.

Agradeço à minha família e à minha namorada pelo suporte e presença em todos os momentos no decorrer dessa etapa. E por fim, à equipe de handebol LAURP/São Joaquim da Barra e todos os envolvidos pelos momentos que me ajudaram e me motivaram a buscar, estudar e pesquisar a respeito do tema.

Resumo

MUSA, V.S. **O jogo ofensivo e defensivo nas categorias de base do handebol paulista: Concepções e atuação dos treinadores.** 2019. 76f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2019.

Durante o processo de ensino-aprendizagem-treinamento (EAT), o treinador tem o papel de planejar e conduzir as atividades, principalmente no início dessa prática. No Brasil, para que se exerça essa função deve-se obrigatoriamente concluir a formação acadêmica. Especificamente no handebol enfatiza-se as vivências como atleta e profissional na atuação dos treinadores. Ainda notam-se poucos incentivos na formação desses por parte dos órgãos que regulamentam a modalidade esportiva no país, fazendo com que busque-se conhecimentos de forma particular e isolada, os quais podem não condizer com a realidade de seus ambientes profissionais. Com isso este estudo buscou compreender a atuação dos treinadores das categorias de base de handebol no Brasil, o que eles esperam de seus jogadores diante diferentes contextos e de como ensinam. Para isso realizou-se uma revisão sistemática acerca da temática, seguida da entrevista com treinadores das diferentes categorias de base do handebol no estado de São Paulo. Na tabulação e interpretação dos dados foi utilizado o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Na revisão sistemática identificou-se a necessidade de pesquisas que visem compreender a atuação dos treinadores do handebol brasileiro, principalmente nas categorias de base, uma vez que os trabalhos encontrados são predominantemente originários dos países europeus e/ou com treinadores experiente e que realizam seu trabalho com equipes adultas. Quanto à atuação dos treinadores de handebol nas categorias de base observou-se que os conteúdos exigidos pelos treinadores quando trabalhando suas equipes na fase defensiva e na fase ofensiva leva em consideração o processo maturacional e o tempo de vivência no handebol, porém ao analisarmos como são ensinados os conteúdos esperados, os discursos expressaram que o trabalho realizado pauta-se no ensino exclusivo de conteúdos específicos do handebol, o que não corresponde às demandas apresentadas em cada faixa etária, principalmente nas mais jovens. Conclui-se que no trabalho com as categorias de base do estado de São Paulo preocupa-se com a especificação da prática ao invés de diversificação, o que contrapõe os apontamentos feitos pela literatura de que esse tipo de treinamento pode levar os jogadores a praticarem o handebol de forma específica, existindo a possibilidade de conduzir os praticantes à especialização esportiva precoce.

Palavras-chave: Handebol; Treinador; Formação Profissional; Ensino-Aprendizagem-Treinamento; Fase Defensiva; Fase Ofensiva

Abstract

MUSA, V.S. **The attack and defense in State of Sao Paulo handball youth player category: Coaches' Conceptions and acting.** 2019. 76f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2019.

In the Teaching-Learning-Training (TLT) process, coaches must plan and conduct the activities, mainly in the beginning of this practice. In Brazil, it is mandatory to complete the academic formation in order to perform this function. Specifically in handball it is reported that the athlete and professional experiences takes an important role in their professional activities. It is also noted that the Federations and Confederations do not help the coaches in their professional formation, making them seek for knowledge in a particular and isolated way, which may not match with their professional needs. This study look for understanding the youth teams coaches' performance, what they expect of their players against some scenarios and how they teach those. For this, a systematic review about the theme has been made, followed by an interview with the Sao Paulo state youth team coaches. For the data tabulation and interpretation, it was used the Collective Subject Discourse (CSD). In the systematic review has been identified that there is a need for more research with to aim of understanding the coaches performance, mainly with the youth teams coaches, once that the publications about the theme are mostly from european countries and/or with experienced adult teams coaches. Concerning the youth teams coaches performance it was observed that they takes into account the maturational process and the handball experience time as they work their teams in the offensive and defensive phases, but if we analyze the way that they teach it, the discourses express that the activities are based on teaching many specific tasks, which do not correspond to the age needs, mainly in the younger. It is concluded that Sao Paulo state youth teams work is concerned with the practice specification instead of the diversification, contrasting the literature appointments which says that this type of training may lead the players to a specific way of practice and conduct them to an early sports specialization.

Keywords: Handball; Coach; Professional Qualification; Teaching-Learning-Training; Defense; Attack

	7
Introdução	8
Formação profissional e atuação dos treinadores de handebol	8
Estruturação do jogo de handebol	11
Fase defensiva	12
Fase ofensiva	14
Objetivos	16
Objetivos gerais	16
Objetivos específicos	16
Capítulo 1 - Revisão sistemática	17
Introdução	17
Métodos	18
Resultados	20
Discussão	24
Considerações parciais	30
Capítulo 2 – Métodos	31
Participantes	31
Tipo e Instrumento de pesquisa	33
Análise dos dados	34
Capítulo 3 - Resultados e Discussão - Defesa mediante diferentes contextos ofensivos	36
Elementos relacionados ao modelo de jogo	39
Comportamentos Técnico-Táticos Individuais	43
Comportamentos Técnico-Táticos Coletivos	46
Métodos de Ensino-Aprendizagem-Treinamento	48
Capítulo 4 - Resultados e Discussão - Ataque mediante diferentes contextos defensivos	52
Comportamentos específicos mediante quaisquer sistemas defensivos (abertos e fechado)	54
Comportamentos ofensivos específicos mediante sistema defensivo fechado	57
Ataque contra sistemas defensivos abertos	60
Métodos de Ensino-Aprendizagem-Treinamento	63
Conclusão	66
Referências	68

Introdução

Início este trabalho buscando apresentar e contextualizar o interesse da investigação com as minhas experiências dentro do handebol. Aos 14 anos iniciei a prática do handebol na escola em que estudava, competindo desde então em campeonatos com diferentes significados.

Como o primeiro contato se deu na escola, os primeiros campeonatos a serem disputados foram os escolares municipais, regionais e estaduais. Logo em seguida tive a oportunidade de participar das equipes de base do handebol de Ribeirão Preto (a partir do sub-16), nas quais disputei campeonatos regionais e estaduais na modalidade.

Conforme houveram participações em campeonatos, treinamentos e o convívio dentro do ambiente esportivo do handebol até atingir a categoria Adulta, despertou-se o interesse pela prática e pela forma em que eram executados os trabalhos. Uma das inquietações foram advindas da pouca difusão desse esporte no país, além dos poucos resultados positivos no cenário internacional.

Como forma de responder à essas inquietações, ingressei na Universidade de São Paulo com o intuito de me aprofundar com os conhecimentos específicos que envolvem o esporte e me deparei com um cenário em que nota-se lacunas na investigação sobre a atuação dos treinadores no país, o que dificulta a aprendizagem dele e impossibilita um melhor desenvolvimento do handebol no Brasil.

Hoje em dia direciono minhas atividades de pesquisa visando contribuir para uma maior compreensão da atuação dos treinadores de handebol e as melhores maneiras de se conduzir os trabalhos com suas equipes, para que com isso haja um desenvolvimento do handebol no país. Além disso, busco também aplicar os conteúdos estudados com a equipe de handebol que coordeno como forma de estender à prática.

Formação profissional e atuação dos treinadores de handebol

No Brasil, pela Lei 9696/98 (BRASIL, 1998), é obrigatória a formação acadêmica para se exercer o cargo de treinador em todos os contextos esportivos, com exceção do futebol. Segundo Nelson, Cushion e Potrac (2006), o contexto formal de aprendizagem é composto pela aquisição de conhecimento institucionalizado e planejado, baseando-se em um conteúdo educacional hierarquizado.

Neste contexto, busca-se auxiliar os treinadores esportivos em formação e capacitá-los para lidar com as demandas apresentadas pelo ambiente profissional (RODRIGUES, 2014). Apesar disso, no Brasil, essa formação obrigatoriamente generalista faz com que parte dos treinadores a cite como insuficiente na prática profissional (MILISTETD et al., 2014; MILISTETD et al., 2015).

Por conta da formação acadêmica não suprir todas as necessidades que os treinadores possuem para conduzirem o trabalho com suas equipes (MODOLO et al., 2017), esses recorrem aos meios informais e não-formais na busca pelo conhecimento, sendo a vivência prática e o contato com mentores as formas mais utilizadas por eles (MODOLO et al., 2017; MUSA et al., 2017; MESQUITA, 2016; CUNHA; ESTRIGA; BATISTA, 2014; FEU MOLINA et al., 2012).

Os meios informais de adquirir o conhecimento são as relações entre os indivíduos dentro de um ambiente específico com o objetivo de aprendizagem. Exemplo disso é a troca de informações de um treinador mais experiente com um novato, ou até mesmo o aprendiz assistir a jogos e treinos de equipes conduzidas por treinadores com maior vivência profissional (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

Por sua vez, os meios não-formais buscam também a aprendizagem e a transmissão de conhecimentos, porém de uma forma sistematizada, mas que não tenha as mesmas características do contexto formal de aprendizagem, assim como em seminários, *workshops* e conferências (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

É sabido que as vivências prévias dos treinadores esportivos, seja ela como atleta ou mesmo na sua atuação profissional, junto com sua formação acadêmica estimula-os a se manterem no exercício de suas funções (COUTINHO; SILVA, 2009; RAMOS; GRAÇA; NASCIMENTO, 2006). Além disso, pode levá-los a uma maior percepção de eficácia no trabalho realizado (MESQUITA et al., 2012), e influenciar no seu aprendizado e nas condutas (HODKINSON et al., 2008).

Para Cushion et al. (2003), as concepções e as formas de trabalho dos treinadores são os produtos e as manifestações das experiências vividas por ele profissionalmente ou como atleta, o que reforça a importância da inserção prévia dentro do esporte para a atuação profissional.

Os treinadores de handebol, assim como nas demais modalidades esportivas, julgam as informações adquiridas fora do meio formal como mais relevante para a sua atuação

(MUSA et al., 2017). Além disso, ainda podemos apontar uma falta de incentivo e preocupação com a formação dos treinadores por parte dos órgãos responsáveis pelo desenvolvimento do handebol.

Musa et al. (2017) buscaram, por meio da opinião de treinadores de handebol de alto rendimento do estado de São Paulo, verificar se existe preocupação com formação dos treinadores por parte dos órgãos que regulamentam o handebol no país e no estado. Os treinadores expressaram que não existem incentivos quanto à aquisição de conhecimento específico por parte desses órgãos e que dependem de incentivos particulares e isolados para se aprofundarem.

Esse fato pode ser confirmado no estudo de Milistetd et al. (2016), o qual solicitou à 12 Confederações Brasileiras de modalidades esportivas que enviassem a carga horária de cursos oferecidos, e constatou que a Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) é uma das instituições com menor carga horária de cursos oferecidos aos seus treinadores.

Na atuação profissional, observa-se que os treinadores são responsáveis por conduzir as atividades com suas equipes e pelos valores transmitidos durante as diversas práticas do campo esportivo (MESQUITA, 2016; CUSHION; ARMOUR; JONES, 2003).

Em alguns casos entende-se que a formação dos jogadores deve se basear, exclusivamente, na preparação destes para atuar nas categorias Adultas (RODRIGUES, 2014). Em contrapartida, Côté, Baker e Abernethy (2007) sugerem que a formação esportiva deve se pautar no desenvolvimento do aprendiz de forma a respeitar as etapas em que cada um se encontra, para que se evite o abandono da prática.

Alguns autores apontam que o relacionamento com a equipe (BORMANN et al., 2016) e a forma em que o treinador conduz o trabalho (GRANERO-GALLEGOS et al., 2017) podem influenciar na motivação dos jogadores positivamente, principalmente nas categorias mais jovens (GRANERO-GALLEGOS et al., 2017). Além disso, Pulido et al. (2016) cita que quanto maior o nível de formação dos treinadores, mais interessados na prática do handebol seus jogadores serão.

Ou seja, podemos observar que o treinador tem papel fundamental na prática esportiva devido às suas diversas funções, sejam elas questões físicas, psicológicas ou sociais. Sabe-se também que se os conteúdos e as formas de se conduzir as atividades não estiverem adequadas às demandas de cada um, pode-se direcionar o aprendiz à um processo de

especialização esportiva precoce, e com isso fazer que o envolvimento do indivíduo com a prática esportiva se reduza (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Portanto, devido a pouca participação das Federações e Confederações na formação profissional dos treinadores, fazendo com que o conhecimento adquirido por eles seja proveniente de ações isoladas e particulares, e pelo seu papel fundamental no processo de formação esportiva, nos faz refletir se: 1) os conhecimentos adquiridos pelos treinadores correspondem às reais demandas encontradas no campo de trabalho; 2) os conhecimentos compartilhados com os treinadores aprendizes se relacionam com as necessidades futuras deles e os fazem adquirir um senso crítico para compreender o contexto em que está/estará atuando.

Estruturação do jogo de handebol

O jogo handebol, assim como nos outros Jogos Coletivos Esportivizados (JCE - REIS, 1994), organiza-se a partir das estruturas fixas relacionadas às regras e das estruturas variáveis, que são compreendidas pelo número de jogadores, pelos sistemas de jogo e pelas formas em que são executadas as ações (OLIVER CORONADO; SOSA GONZÁLEZ, 1996).

Diante dessas estruturas, para que os jogadores possam solucionar as situações-problema expostas pelo jogo, estes devem analisar o ambiente, tomar a decisão que julguem ser a mais adequada e agir diante de cada uma das situações apresentadas (GRECO, 2001). Nos JCE pode-se observar diferentes fases, com características e objetivos específicos, nas quais acontecerão as ações. Essas fases são denominadas de ofensivas, defensivas ou de transição (BAYER, 1994).

Na fase ofensiva, caracterizada como o momento em que a equipe possui a posse da bola (SILVA, 2008), os jogadores têm como objetivo manter a posse da bola, progredir em direção ao alvo e em seguida pontuar (MENEZES; REIS, 2010). Em contrapartida, na fase defensiva, que se caracteriza pelo momento em que a equipe não possui a bola, busca-se recuperar a posse da bola, impedir a progressão dos atacantes em direção ao alvo e também evitar que os mesmos pontuem (MENEZES; REIS, 2010).

Por fim, durante a fase de transição defesa-ataque os jogadores têm como objetivo gerar uma superioridade numérica ofensiva por meio do contra-ataque, para que possam

realizar o arremesso ao gol de zonas favoráveis, enquanto na fase de transição ataque-defesa deve-se retardar ou impedir o contra-ataque conduzindo os atacantes para zonas em que a realização do arremesso seja mais difícil (MENEZES; REIS, 2010).

Portanto, nota-se que nas diferentes fases do jogo as equipes buscam um melhor posicionamento em quadra, para que dessa forma se sobreponham diante do adversário, cumprindo os objetivos e solucionando as situações-problema (MENEZES, 2011). Para que isso ocorra, as equipes se organizam em sistemas de jogo dentro das fases defensiva e ofensiva (MOREIRA; TAVARES, 2004).

Fase defensiva

Durante a fase defensiva, as equipes organizam-se em sistemas que baseiam-se nas relações entre os jogadores e no posicionamento dos defensores. Apesar de ocorrerem modificações conforme o jogo apresenta suas demandas, essa organização se dá a partir do sistema individual, dos sistemas zonais abertos e fechado, e dos sistemas mistos ou combinados (MENEZES, 2011).

O sistema defensivo individual é definido pela relação, com maior proximidade, entre um defensor e um atacante específico, sem que haja troca de marcação entre os jogadores que se encontram na fase defensiva, independentemente do adversário estar em posse da bola ou não (MENEZES, 2011).

O uso da marcação individual proporciona aos jogadores o reconhecimento dos espaços da quadra, dos possíveis deslocamentos dos atacantes e dos companheiros, e da velocidade que ocorrem as ações do jogo. Com os estímulos durante os treinamentos a partir do uso deste sistema defensivo, os jogadores podem aprimorar essas questões durante o processo de formação esportiva (MENEZES; REIS, 2010).

Portanto, entende-se que aprimoramento da noção dos espaços, dos deslocamentos e da velocidade do jogo são essenciais para o desenvolvimento dos jogadores. Isso pode ser confirmado com a afirmação feita por Ehret et al. (2002), os quais citam o sistema individual como pré-requisito no processo de formação e sugerem que esse seja o primeiro sistema defensivo a ser apresentado na aprendizagem do handebol.

Na sequência do processo de formação, sugere-se que a transição do sistema individual para os sistemas zonais seja realizada gradativamente. Nos sistemas defensivos zonais cada jogador responsabiliza-se por uma região específica da quadra, e por meio de

ações individuais e combinadas entre os defensores, busca-se cumprir com os objetivos (MENEZES, 2011).

Para que se cumpra com a necessidade de uma transição gradual do sistema defensivo individual para os sistemas zonais, sugere-se que essa se iniciada pelos sistemas defensivos abertos (MENEZES; REIS, 2010). Nos sistemas defensivos abertos observa-se o posicionamento dos jogadores em duas ou mais linhas, as quais dependendo da disposição dos defensores apresentam-se com maior ou menor profundidade e proximidade com o adversário (MENEZES, 2011), e pode se assemelhar à defesa individual (MENEZES; REIS, 2010).

Dependendo da estratégia a ser adotada, além das demandas apresentadas pela própria equipe e pelo adversário, as equipes organizam-se em diferentes sistemas defensivos abertos buscando dificultar as ações dos atacantes adversários.

Ao retomarmos a questão da transição do sistema defensivo individual para os zonais, destaca-se o uso do sistema defensivo 3:3 (MENEZES; REIS, 2010), o qual caracteriza-se pelo posicionamento de três jogadores na primeira linha de defesa e três na segunda linha (MENEZES, 2011). O uso desse sistema defensivo pode proporcionar uma maior profundidade à defesa e dificultar as ações dos armadores devido ao afastamento do gol, em contrapartida pode proporcionar maior espaço para que os jogadores da segunda linha do ataque executem suas ações (MENEZES, 2011).

O sistema defensivo aberto 4:2 caracteriza-se por quatro jogadores na primeira linha de defesa e dois jogadores na segunda linha. As características desse sistema assemelham-se às apresentadas pelo sistema 3:3, buscando dificultar principalmente as ações dos armadores direito e esquerdo (MENEZES, 2011).

Ainda buscando explorar a questão da profundidade para que os armadores tenham que realizar suas ações distantes do gol, o sistema 3:2:1 é utilizado com os defensores dispostos em três linha. Na primeira linha, assim como no 3:3, encontra-se três jogadores, na segunda linha dois jogadores e na terceira apenas um jogador (MENEZES, 2011).

Diferentemente da ideia apresentada pelos três sistemas supracitados, o sistema defensivo 5:1 visa dificultar as ações na região central da quadra, juntamente com a redução dos espaços para as ações dos jogadores da segunda linha de ataque. Esse sistema caracteriza-se por cinco jogadores na primeira linha defensiva e apenas um jogador na segunda linha (MENEZES, 2011).

No mesmo sentido do sistema defensivo 5:1, nota-se o posicionamento dos defensores em uma única linha e mais próximos à linha de 6 metros durante essa fase do jogo (6:0). O fato dos jogadores se distribuírem de forma mais próxima na quadra defensiva, permite que as ações defensivas grupais sejam executadas com maior facilidade (MENEZES, 2011) e faz com que o sistema defensivo 6:0 seja um dos mais utilizados no handebol, além de servir como base para as demais defesas (MELENDEZ-FALKOWSKI; ENRIQUEZ-FERNANDEZ, 1998).

Por fim, os sistemas defensivos mistos são a combinação do sistema individual e dos zonais, onde pressiona-se um ou mais atacantes por meio da marcação individual e os demais posicionam-se em linha. Essas combinações podem ocorrer com cinco jogadores em linha e um executando a marcação individualizada (5+1), com quatro jogadores em linha e dois defendendo individualmente (4+2), ou com três defensores em linha e três marcando individualmente os atacantes adversário (3+3) (MENEZES, 2011).

Normalmente utilizados para impossibilitar ou dificultar que um dos jogadores adversários de destaque realize suas ações, além de propor uma situação nova e com isso seja necessário uma readaptação por parte dos adversários. Sua utilização pode causar uma instabilidade nas ações dos atacantes, o que favorece o cumprimento dos objetivos por parte da defesa (MENEZES, 2011).

Fase ofensiva

Durante a fase ofensiva, os atacantes buscam através dos meio técnico-táticos individuais e de grupo solucionar as situações-problema apresentadas pela defesa adversário, além de buscar cumprir com os objetivos de manter a posse da bola, progredir em direção ao alvo e marcar o gol (MENEZES; REIS, 2010). Para isso, as equipes organizam-se em sistemas ofensivos de forma a distribuir seus jogadores em um posicionamento visando uma distribuição homogênea, com amplitude e profundidade (SILVA, 2008).

O posicionamento dos atacantes em quadra ocorre em duas linhas e baseia-se nas características individuais dos jogadores para que sejam delimitados postos específicos, podendo ser esses os armadores, o(s) ponta(s) ou o(s) pivô(s) (MENEZES, 2011).

Conhecido como 3:3, o sistema ofensivo mais utilizado no handebol é composto por três armadores na primeira linha e três jogadores na segunda linha. Os jogadores posicionados na segunda linha ofensivo podem ocupar diferentes posições diante das

características da equipe ou necessidades apresentadas pelo jogo. Portanto, nesse sistema as equipes podem se dispor de um ou dois pontas mais um ou dois pivôs (MENEZES, 2011).

Esse sistema ofensivo é considerado a base para os demais, que surgem a partir de suas modificações (MELENDEZ-FALKOWSKI; ENRIQUEZ-FERNANDEZ, 1998) e é utilizado quando existem bons arremessadores na equipe, além de pontas com alta qualidade técnica (MENEZES, 2011).

Além do sistema ofensivo clássico, nota-se mais duas possibilidades de organização dos jogadores durante o ataque. Esses sistemas são provenientes do sistema ofensivo 3:3 e consistem no deslocamento de um dos jogadores para a posição de pivô, junto com a redistribuição dos demais (MENEZES, 2011).

O sistema 4:2 é caracterizado pela reorganização dos atacantes aconteça de forma em que os pontas aproximem-se dos jogadores da primeira linha ofensiva (MENEZES, 2011). Esse sistema pode proporcionar situações favoráveis diante de defesas que utilizam-se dos sistemas abertos, principalmente por possibilitar que a região central da quadra fique desocupada (MELENDEZ-FALKOWSKI; ENRIQUEZ-FERNANDEZ, 1998).

Já o sistema 2:4 também é caracterizado pela reorganização dos atacantes, mas ao invés de aproximarem-se dos armadores, os pontas posicionam-se com mais profundidade (MENEZES, 2011). Segundo Melendez-Falkowski e Enrique-Fernández (1998), esse sistema também visa proporcionar espaços na região central da quadra, mas além disso, pode dificultar as coberturas e trocas de marcação.

Objetivos

Objetivos gerais

Devido ao fato do treinador exercer um papel fundamental para que o processo de formação ocorra da forma mais adequada e diante das diferentes possibilidades existentes no handebol, o objetivo deste estudo foi compreender a atuação do treinador de handebol, especialmente no Brasil e verificar se o que se espera dos jogadores nas categorias de base contextualiza com as necessidades dos aprendizes em cada faixa etária.

Objetivos específicos

Este estudo tem como objetivos específicos: a) analisar o panorama científico envolvendo a formação e a atuação dos treinadores de handebol; b) entender o que os treinadores esperam de suas equipes em diferentes momentos do jogo e como ensinam estes conteúdos nas categorias de base do handebol no estado de São Paulo; e c) se o trabalho realizado leva em consideração as diferenças entre os aprendizes.

Para isso, este trabalho apresentará uma revisão sistemática acerca do treinador de handebol e, posteriormente, dois capítulos onde investigou-se e discutiu-se as opiniões dos treinadores a respeito do que estes esperam de seu jogadores diante diversas situações apresentadas nas fases defensivas e ofensivas nas categorias de base, e como esses conteúdos são trabalhados.

Capítulo 1 - Revisão sistemática

Introdução

O handebol é um esporte difundido em âmbito internacional que desperta o interesse de cientistas de diferentes áreas do conhecimento (PRIETO; GOMEZ; SAMPAIO, 2015). Dentre as temáticas investigadas destacam-se as de cunho técnico-tático, que buscam desvendar características do jogo pertinentes a diferentes contextos (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2015; RIVILLA-GARCIA et al., 2014).

Diferentes atores influenciam os contextos de ensino-aprendizagem-treinamento (EAT) em todas as categorias do handebol (inclusive no alto rendimento), nos quais o treinador assume posição de destaque nos processos inerentes aos respectivos contextos. Historicamente os estudos com treinadores esportivos, em âmbito brasileiro, têm sido desenvolvidos por pesquisadores do campo da Pedagogia do Esporte (MARQUES; NUNOMURA; MENEZES, 2016), externando a preocupação com o ensino dos esportes.

O treinador esportivo desenvolve suas atividades profissionais em um ambiente complexo, no qual há a interação de diferentes agentes, em um processo de formação que se consolida ao longo da carreira (JONES; THOMAS, 2015). Além de ser responsável por conduzir as atividades, o treinador é incumbido dos valores transmitidos durante as diversas práticas do campo esportivo (CUSHION; ARMOUR; JONES, 2003).

Estudos que desvendam o campo de atuação dos treinadores de handebol ainda são escassos, e a análise das produções científicas de suas temáticas permite identificar possíveis tendências sobre um determinado campo de pesquisa (AGUILAR, 2014). Nesse ínterim, as revisões sistemáticas apresentam espaço importante na identificação do estado da arte de uma dada temática e direcionam pesquisadores em seus trabalhos (FERNANDEZ-RIOS; BUELA-CASAL, 2009).

Especificamente sobre o handebol, duas revisões sistemáticas chamam atenção. Na primeira, Aguilar (2014) realizou um levantamento sobre a produção no handebol em artigos de revistas indexadas na *Web of Science* entre os anos de 1900 e 2014. O autor realizou uma análise bibliométrica em 366 artigos encontrados (origem dos autores, periódicos principais,

área de investigação, ano de publicação e Instituições dos autores). Já na segunda, Prieto et al. (2015) realizaram as buscas nas bases de dados *Web of Science* (entre os anos de 1900 e 2012) e *Medline* (entre 1950 e 2012). Os autores analisaram diferentes aspectos nos 373 artigos encontrados, como ano de publicação, área de investigação, tipo de documento, idioma e jornais principais.

Ambas as revisões (cujo termo de busca foi “handebol”) mostraram uma tendência crescente de artigos relacionados ao handebol ao longo dos anos e apontaram maior interesse em temas como medicina esportiva, ciências do esporte, treinamento esportivo, fisiologia e psicologia do esporte. No entanto, os estudos que envolvem os treinadores, em especial sobre sua formação e atuação profissional, não foram objeto de análise dessas revisões.

A partir do contexto apresentado o objetivo desta revisão foi analisar os estudos relacionados à formação e à atuação profissional dos treinadores de handebol, a fim de discutir a realidade brasileira e as fronteiras de conhecimento sobre tal temática.

Métodos

O delineamento metodológico desta revisão sistemática seguiu os procedimentos sugeridos por Higgins e Green (2008), estabelecendo: critérios de elegibilidade para os estudos, metodologia explícita e reprodutível, busca sistemática, avaliação minuciosa dos resultados dos estudos e apresentação sistemática dos estudos incluídos. Partiu-se de uma pergunta inicial, claramente formulada, que possibilitou “utilizar métodos sistemáticos e explícitos para identificar, selecionar e avaliar criticamente pesquisas relevantes” (GALVAO; PANSANI; HARRAD, 2015, p.335), minimizando o viés e fornecendo resultados confiáveis (HIGGINS; GREEN, 2008).

Como forma de estruturação do texto e confiabilidade da pesquisa foram utilizadas as diretrizes do PRISMA (GALVAO; PANSANI; HARRAD, 2015). Assim sendo, esta revisão sistemática consultou as seguintes bases de dados em janeiro/2018: *Scielo*, *Web of Science*, *EBSCOHost* (especialmente considerando o *SPORTDiscus* e o *Academic Search Premier*), *Lilacs*, *Redalyc*, *Scopus* e *Medline*. Os termos de busca (nos campos “título”, “palavras-chave” e “resumo”) foram “treinador” AND “handebol” (língua portuguesa), “coach” AND “handball” (língua inglesa) e “entrenador” AND “balonmano” (língua espanhola).

A busca em português justifica-se pela tentativa de mapear e revelar investigações e informações do contexto brasileiro e por ser o idioma de origem dos autores. A busca em espanhol justifica-se pelas premissas apontadas por Aguilar (2014), que identificou a Espanha como o país com o maior número de artigos científicos publicados sobre handebol, assumindo destaque no contexto acadêmico. Já a busca em inglês se justificou pelo fato de se tratar do idioma universal da ciência (VOLPATO, 2011). Os seguintes critérios de busca e inclusão na amostra foram adotados: (a) artigos originais publicados em periódicos a partir do ano 2000, com avaliação duplo-cego e textos completos disponíveis *online* em um dos três idiomas; e (b) artigos cujas temáticas envolveram diferentes aspectos inerentes ao treinador de handebol. Na Figura 1 estão apresentadas todas as etapas de seleção dos artigos.

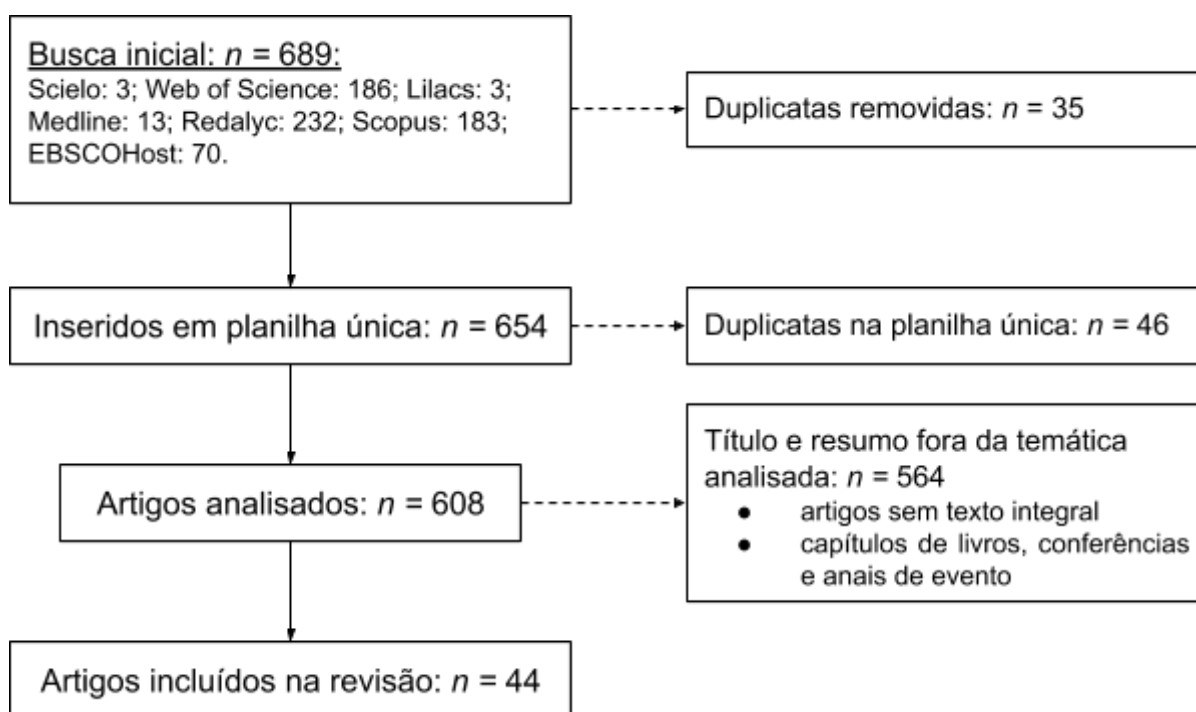


Figura 1. Artigos selecionados em cada etapa.

Após encontrar 689 trabalhos na busca inicial, procedeu-se à seleção desses em cada base de dados baseando-se dos seguintes critérios de exclusão: a) artigos sem texto integral; b) artigos duplicados na base de dados, decorrentes da busca nos três idiomas; c) textos escritos em outros idiomas que não português, inglês ou espanhol; d) textos publicados em livros, conferências e anais de evento. Nesta etapa foram excluídos 35 textos que atenderam pelo menos um desses critérios.

Os 654 artigos restantes foram transportados para uma planilha, ordenados por data e nome do autor, possibilitando a exclusão daqueles que se repetiram em bases diferentes (por

haver revistas indexadas em várias bases de dados). Nessa etapa foram excluídos 193 artigos, restando 461. Na última etapa de seleção dos artigos foi realizada a leitura dos seus títulos e resumos, verificando se atendiam à temática investigada. Desses, 417 foram excluídos, possibilitando que 44 artigos foram incluídos na amostra.

Para uma interpretação mais transparente de estudos qualitativos, Tong et al. (2012) sugerem a exposição geral dos achados para uma melhor compreensão do panorama, seguido pela discussão dos conteúdos específicos. Portanto, na seção “Resultados” é apresentado inicialmente um panorama geral das publicações, assim como apontado por Aguilar (2014). Os conteúdos específicos dos trabalhos encontrados foram discutidos de uma forma mais aprofundada, para uma melhor compreensão de suas contribuições, na seção “Discussão”.

Resultados

Na Figura 2 está apresentado o número de publicações relacionadas ao treinador de handebol, pesquisada em cada ano, desde 2005 (data da primeira ocorrência).

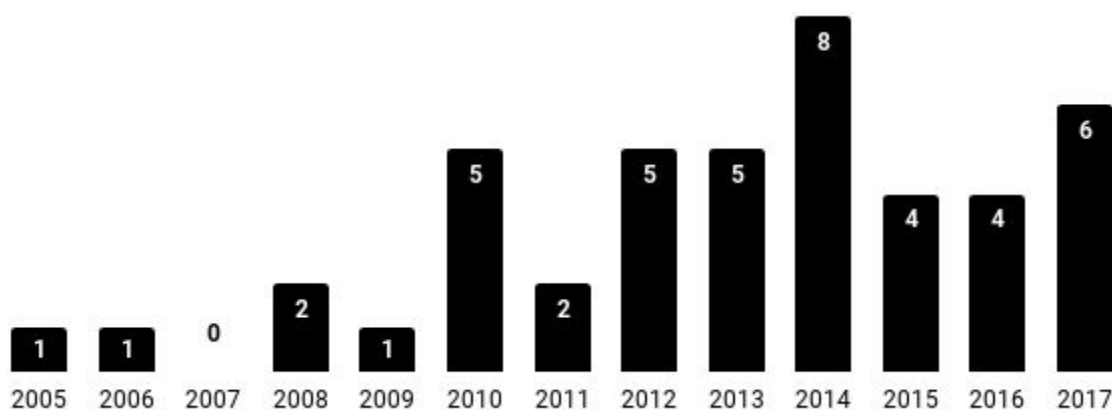


Figura 2. Artigos publicados por ano.

Na Figura 3 está apresentado o número de autores dos artigos e, na Figura 4, a média de autores por artigo e por ano.

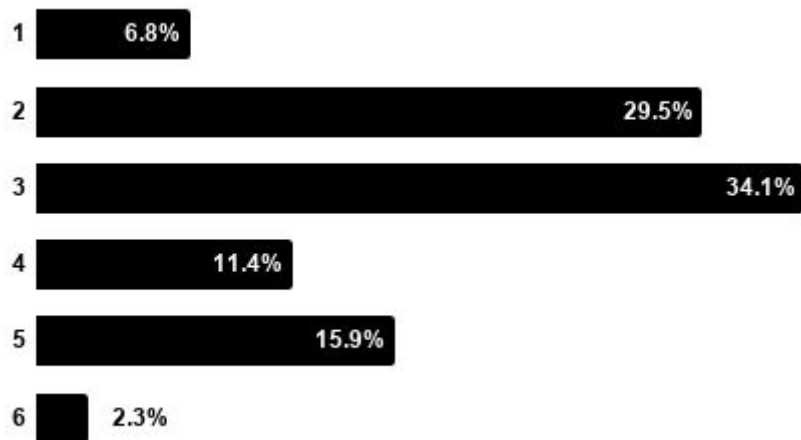


Figura 3. Número de autores por artigo.

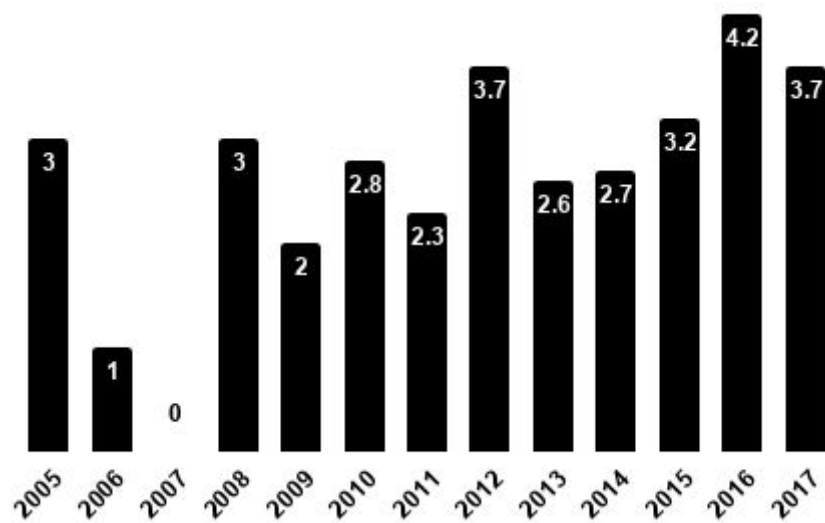


Figura 4. Média de autores por artigo em cada ano.

Na Figura 5 estão apresentados os países com maiores frequências de trabalhos (Instituição à qual se vincula o primeiro autor).

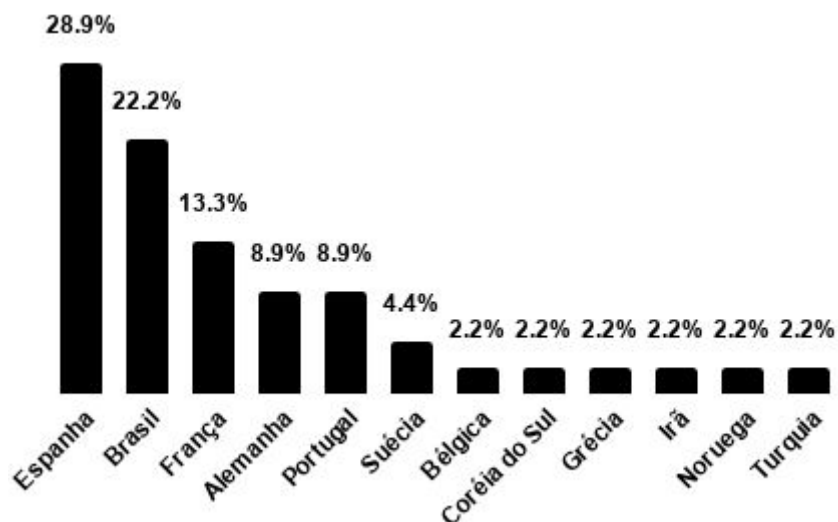


Figura 5. Porcentagem de publicações por país.

Por fim, na Figura 6 estão apresentados os dados sobre os idiomas mais utilizados na redação dos artigos encontrados.

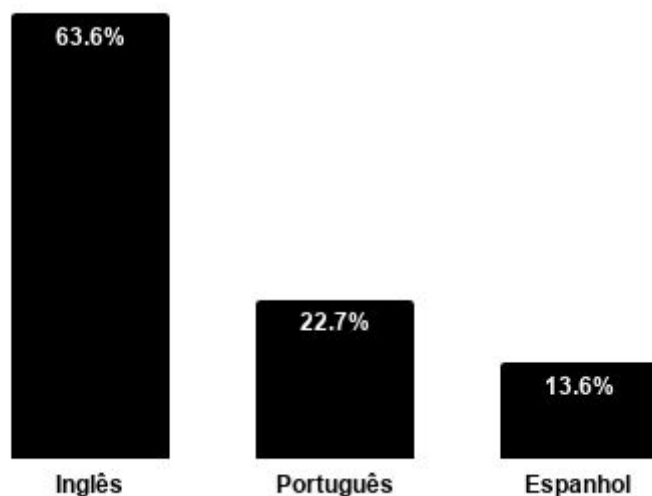


Figura 6. Porcentagem de publicações por idioma.

No Quadro 1 são apresentados, em ordem cronológica decrescente, todos os artigos encontrados informando os autores, o tipo de pesquisa, os métodos utilizados, as variáveis observadas e os participantes (amostra).

Quadro 1 - Artigos encontrados na busca

AUTORES	TIPO	MÉTODO	VARIÁVEL	AMOSTRA
Musa et al. (2017)	Qualitativa	Entrevista	Opinião sobre a formação	6 treinadores - âmbito estadual

Modolo et al. (2017)	Qualitativa	Entrevista	Opinião sobre o contexto de aprendizagem	11 treinadores âmbito escolar
Menezes e Reis (2017c)	Qualitativa	Entrevista	Opinião sobre técnica/tática	4 treinadores - âmbito nacional
Granero-Gallegos et al. (2017)	Quantitativa	Questionário	Motivação dos atletas	159 jogadores jovens
Menezes e Reis (2017b)	Qualitativa	Entrevista	Opinião sobre técnica/tática	4 treinadores - âmbito nacional
Menezes e Reis (2017a)	Qualitativa	Entrevista	Opinião sobre técnica/tática	4 treinadores - âmbito nacional
Pulido et al. (2016)	Quantitativa	Questionário	Formação acadêmica do treinador e nível de motivação do atleta	432 atletas (10 a 16 anos)/ 88 treinadores
Fischer et al. (2016)	Quantitativa	Teste em programa de computador	Performance de habilidades	72 treinadores com certificação federativa
Bormann et al. (2016)	Quantitativa	Questionário	Diferentes formas de liderança	336 atletas adulto/30 treinadores - âmbito estadual
Menezes, Marques e Morato (2016)	Qualitativa	Entrevista	Opinião sobre técnica/tática (sub-12)	6 treinadores - âmbito estadual
Menezes, Marques e Nunomura (2015)	Qualitativa	Entrevista	Métodos de ensino (sub-14)	6 treinadores - âmbito estadual
Hoigaard et al. (2015)	Quantitativa	Questionário	Percepção do comportamento do treinador	113 atletas adultas
Çelik e Yalçinkaya (2015)	Quantitativa	Questionário	Carisma do treinador	242 atletas - âmbito nacional
Menezes, Morato e Reis (2015)	Qualitativa	Entrevista	Opinião sobre técnica/tática	4 treinadores - âmbito nacional
Cunha, Estriga e Batista (2014)	Qualitativa	Entrevista	Fontes de conhecimentos mais utilizados	10 treinadores - âmbito nacional
Debanne, Angel e Fontayne (2014)	Quantitativa	Análise de jogos	Utilização da Focus Theory	30 treinadores - âmbito nacional
Rivilla-Garcia et al. (2014)	Quantitativa	Questionário e teste de percepção	Comparação do uso do ICT e a motivação dos atletas	71 atletas - sub-18
Debanne, Fontayne e Bourbousson (2014)	Qualitativa	Gravação de voz	Informações fornecidas pelos treinadores nos jogos	3 treinadores profissionais/15 jogos
Debanne (2014)	Quantitativa	Monitoramento durante jogos	Técnicas de persuasão do árbitro utilizadas pelos treinadores	3 treinadores profissionais/14 jogos
Lujan Guzmán et al. (2014)	Quantitativa	Gravação de voz	Comportamento verbal do treinador	21 treinadores categoria cadete - âmbito nacional
Annerstedt e Lindgren (2014)	Qualitativa	Entrevista	Estratégias e experiências bem sucedidas	1 treinador de sucesso
Menezes e Reis (2014)	Qualitativa	Entrevista	Opinião sobre técnica/tática	4 treinadores - âmbito nacional
Lee, Kim e Kang (2013)	Quantitativa	Questionário	Comportamento de liderança	73 atletas profissionais
Debanne e Laffaye (2013)	Quantitativa	Questionário	Opinião sobre aumentar a velocidade do braço de arremesso	28 treinadores profissionais
König (2013)	Qualitativa e Quantitativa	Entrevista e Questionário	Performance e liderança do treinador	10 treinadores
Calpe-Gómez, Lujan Guzmán e Grijaldo Santamaría (2013)	Quantitativa	Gravação de voz	Comportamento dos treinadores	5 jogos de 5 treinadores
Meletakos et al. (2013)	Qualitativa	Questionário	Efeito da experiência como treinador e atleta	289 treinadores
Guzmán; Calpe-Gómez (2012)	Qualitativa	Gravação de voz	Comunicação dos treinadores	1 jogo da primeira divisão nacional espanhola
Feu Molina et al. (2012)	Quantitativa	Questionário	Utilização das vivências dos treinadores	333 treinadores - âmbito nacional
Mesquita et al. (2012)	Quantitativa	Questionário	Competência e nível de formação	207 treinadores de 16 a 64 anos
Debanne e Fontayne (2012)	Qualitativa	Monitoramento durante jogos	Comunicação dos treinadores	3 treinadores - âmbito nacional
Moesch e Apitzsch (2012)	Qualitativa	Entrevista	Opinião sobre o Momentum dos jogos	9 treinadores
Mesquita et al. (2011)	Quantitativa	Questionários	Valor atribuído à competência no trabalho diante da formação	207 treinadores de 16 a 64 anos\

Hallajy, Janani e Fallah (2011)	Qualitativa	Questionários	Efeito da liderança transformacional-transitória	218 atletas profissionais
Feu Molina et al. (2010)	Qualitativa	Questionário	Planejamento e decisão	334 treinadores com certificação federativa
Feu Molina, IBAÑEZ Godoy e Gozalo Delgado (2010b)	Quantitativa	Questionário	Influência da formação na atuação profissional	234 treinadores - âmbito nacional
Feu Molina, IBAÑEZ Godoy e Gozalo Delgado (2010a)	Quantitativa	Questionário	Nível de formação	269 treinadores com certificação federativa
Gomes e Paiva (2010)	Qualitativa	Questionário	Percepção do tipo de liderança (13 a 42 anos)	91 atletas de 13 a 42 anos
Meeus, Serpa e De Cuyper (2010)	Qualitativa	Questionário e gravação de jogos	Efeitos do <i>feedback</i> de vídeo	93 jogadores e 9 treinadores
Debanne e Fontayne (2009)	Qualitativa	Entrevista e recordação estimulada	Gestão cognitiva	1 treinador de sucesso
Sonoo, Hoshin e Vieira (2008)	Qualitativa	Entrevista	Opinião sobre o tipo de liderança	218 atletas juvenis e adultos/20 treinadores
Hagemann, Strauss e Büsch (2008)	Quantitativa e Qualitativa	Resolução de cenário e gravação da atuação dos treinadores	Capacidade de resolução de problemas	81 treinadores - âmbito nacional
IBAÑEZ (2006)	Qualitativa	Resenha de trabalho científico	Perfil de formação dos treinadores de handebol	-
Lujan Guzmán, García Ferriol e Cervello Gimeno (2005)	Qualitativa	Entrevista	Percepção de competência diante da abordagem do treinador (sub-14)	72 jogadoras - sub-14

Fonte: Dos autores

Discussão

Com o objetivo de analisar as publicações científicas ao longo do tempo, além de compreender os contextos e os conteúdos dessas, observou-se que até 2014 foi apresentado um comportamento anual crescente do número de publicações, com destaque para 2014 (18.2%) e 2017 (13.6%). Os achados deste estudo corroboram a revisão de Aguilar (2014), que identificou um aumento do interesse científico pelo handebol a partir do ano 2009, ao passo que Modolo, Beltramini e Menezes (2018) identificaram um aumento irregular no interesse por estudos relacionados aos goleiros de handebol a partir de 2010.

O número de autores por artigo variou entre 1 e 5, sendo mais frequentes os estudos com três e dois autores (34.1% e 31.8%, respectivamente). Ao observar a média de autores por artigo, por ano (Figura 4), identificou-se uma variação entre 1 e 3,8 autores. O ano em que houve a maior média de autores por artigo foi 2010 (3.5), enquanto o menor foi 2006 (1.0), diferentemente da revisão apresentada por Modolo et al. (2018), cujo maior índice (5.0) foi observado em 2009 e o menor índice (2.0) em 2014.

No levantamento das pesquisas sobre os treinadores de handebol realizado neste estudo observou-se que 80.5% das publicações são provenientes de países do continente europeu, mostrando uma possível relação entre os resultados expressivos desses em

competições de nível mundial, a popularidade do handebol nesses e o interesse de pesquisadores sobre essa temática. A predominância europeia quanto às publicações científicas também foi observada por Prieto et al. (2015), com Noruega (12.06%), Alemanha (11.26%), Espanha (9.65%) e França (9.12%) tendo o maior número de artigos publicados sobre o handebol. Nossos achados indicaram Espanha (28.9%), Brasil (22,2%) e França (13.3%) como os países com maiores percentuais de artigos publicados sobre treinadores de handebol. Tais resultados corroboram os achados de Modolo, Beltramini e Menezes (2018), para os quais a Espanha também foi o país com maior ocorrência (37.5%), também apontando supremacia europeia, mas diferem pelo fato de o Brasil não ter sido representado.

Os países europeus detêm a supremacia em competições como o Campeonato Mundial e Jogos Olímpicos, diferentemente do Brasil, que possui poucos resultados expressivos em âmbito mundial (em específico no Campeonato Mundial, com o título conquistado pela seleção feminina em 2013). Contraditoriamente à sua expressão em âmbito competitivo, observou-se grande interesse dos pesquisadores brasileiros sobre a temática, que pode ser atribuído a dois fatores: 1) o interesse em compreender a atuação e a formação do treinador no handebol brasileiro por diferentes autores (MODOLO et al., 2017; MUSA et al., 2017); e 2) a inclusão do português como idioma de busca dos artigos, assim como apresentado por Modolo; Beltramini; Menezes (2018).

Os achados deste estudo apontaram a língua inglesa como a mais frequente em relação à temática investigada, corroborando os achados de Aguilar (2014) e Prieto, Gómez e Sampaio (2015) e reafirmando a perspectiva de Volpato (2011).

Dos estudos selecionados, 52.3% utilizaram-se de abordagem qualitativa em suas investigações, seguida da quantitativa (43.2%) e mista (4.5%). Observa-se, portanto, um equilíbrio nas abordagens escolhidas pelos pesquisadores, o que difere dos achados de Modolo, Beltramini e Menezes (2018), cuja abordagem quantitativa mostrou-se como mais usual. Para a obtenção dos dados, os instrumentos mais utilizados foram os questionários (43.2%), com abordagens qualitativas e quantitativas, e as entrevistas (36.4%). Também foram encontrados estudos que utilizaram-se da gravação de voz (CALPE-GOMEZ; LUJAN GUZMAN; GRIJALBO SANTAMARIA, 2013; DEBANNE; FONTAYNE; BOURBOUSSON, 2014; LUJAN GUZMAN; CALPE-GOMEZ, 2012; LUJAN et al., 2014), monitoramento e gravação de jogos (DEBANNE, 2014; DEBANNE; ANGEL; FONTAYNE, 2014;

DEBANNE; FONTAYNE, 2012), teste em programa de computador (FISCHER et al., 2016), além de um artigo em formato de resenha (IBAÑEZ GODOY, 2006).

De maneira geral, o instrumento mais utilizado para a obtenção dos dados foi o questionário (43.2%), que apresenta vantagens como a economia de tempo, um grande volume de dados, abrangência geográfica (e de pessoas) e a flexibilidade de tempo para as respostas (MARCONI; LAKATOS, 2017). As entrevistas também foram utilizadas com frequência (36.4%), possivelmente por permitirem uma exploração e discussão dos resultados com mais profundidade (MARCONI; LAKATOS, 2017).

Ao analisar o conteúdo das pesquisas de cunho qualitativo, nota-se a utilização das entrevistas que analisaram as opiniões dos treinadores sobre diversas questões técnico-táticas e psicológicas das etapas de formação esportiva até a categoria adulta. Alguns autores abordaram a opinião dos treinadores sobre os elementos técnico-táticos mais relevantes (MENEZES; MARQUES; REIS, 2015; MENEZES; REIS, 2017a, 2017b, 2017c), bem como os procedimentos pedagógicos adotados em diferentes etapas da formação do jogador (MENEZES; MARQUES; MORATO, 2016; MENEZES; REIS, 2017c). Os estudos com as opiniões dos treinadores também ressaltaram a influência dos aspectos psicológicos no comportamento, na cognição e na confiança dos atletas (MOESCH; APITZSCH, 2012).

Outros autores também buscaram compreender o planejamento do trabalho dos treinadores a partir de suas opiniões (DEBANNE; FONTAYNE, 2009; SONOO; HOSHINO; VIEIRA, 2008) ou de seus atletas (LUJAN GUZMAN; GARCIA FERRIO; CERVELLO GIMENO, 2005; SONOO; HOSHINO; VIEIRA, 2008), ou a importância das metas de desempenho na melhora da equipe e aquisição de confiança pelos atletas (LUJAN GUZMAN; GARCIA FERRIO; CERVELLO GIMENO, 2005). Sonoo, Hoshino e Vieira (2008) apontaram que as mulheres têm mais necessidade de suportes sociais e os homens de informações relacionadas às regras e às questões do jogo visando ao desempenho.

Um estudo de caso com um treinador sugeriu que a comunicação e o relacionamento com os atletas devem ser respeitosos, oportunizando a participação dos atletas nas tomadas de decisão da equipe (ANNERSTEDT; LINDGREN, 2014).

Identificou-se, ainda, que dos estudos que entrevistaram treinadores, sete se referem ao contexto do handebol brasileiro (treinadores com participação nas seleções nacionais ou que atuam em equipes municipais) e cinco ao contexto de outros países. Considerando o cenário brasileiro, os pesquisadores buscaram identificar aspectos técnico-táticos referentes

ao ensino para diferentes faixas etárias. Tais achados revelam a necessidade (e a lacuna) de aprofundamento nessas temáticas, a partir da realidade vivenciada pelos treinadores (MENEZES; MARQUES; MORATO, 2016; MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2015).

Estudos que utilizaram os questionários sobre as experiências como treinador e atleta, no esporte, mostraram uma influência na eficiência do trabalho (MELETAKOS et al., 2013), corroborando os achados de estudos que utilizaram a entrevista (CUNHA; ESTRIGA; BATISTA, 2014; MODOLO et al., 2017; MUSA et al., 2017). Cunha, Estriga e Batista (2014) apontaram que as relações com outros treinadores e a influência de mentores são importantes na formação profissional. Tal apontamento pode ser explicado pelo fato de a graduação exercer um papel formativo importante, porém insuficiente para o domínio de conteúdos específicos (MODOLO et al., 2017).

Musa et al. (2017) reportaram que treinadores brasileiros não possuem suporte de órgãos como a Confederação Brasil de Handebol (CBHb) e a Federação Paulista de Handebol (FPHb), e que os cursos obrigatórios de formação acadêmica não suprem as demandas específicas do campo de trabalho (RODRIGUES, 2011), reforçando a necessidade de aprendizagem por meio de contextos informais e como sendo uma construção contínua de longo prazo.

Nos questionários analisados qualitativamente as respostas de treinadores destacaram o uso da tecnologia para transmitir *feedback* aos atletas (MEEUS; SERPA; DE CUYPER, 2010), a importância da liderança (HALLAJY; GREEN, 2011) e do planejamento de suas equipes (FEU MOLINA et al., 2010). Foram abordadas, ainda, as formas de liderança e relacionamento dos treinadores com atletas, nas quais os questionários com atletas revelaram a prevalência de resultados positivos quando o treinador (equipe portuguesa) atuou por meio de uma liderança transformacional (GOMES; PAIVA, 2010).

Estudos que analisaram qualitativamente a atuação do treinador utilizando-se da gravação de voz durante treinamentos e jogos, como o de Debanne, Fontayne e Bourbousson (2014) reforçaram a ideia do respeito e da boa comunicação para promover maior auxílio aos atletas ao longo da partida. Também com as gravações de vozes dos treinadores, Luján Guzman et al. (2014) mostraram como experiência e vivência esportiva do treinador podem interferir na sua motivação durante a atuação profissional.

As abordagens quantitativas também foram utilizadas para analisar os questionários e identificou-se temáticas variadas, abrangendo o uso dos exercícios concêntricos e pliométricos na preparação física do handebol (DEBANNE; LAFFAYE, 2013), e aspectos inerentes à preparação psicológica, revelando que a orientação voltada à tarefa é mais motivante para os atletas quando comparada às orientações voltadas ao resultado (GRANERO-GALLEGOS et al., 2017).

Ao estudarem o relacionamento do treinador com seus atletas, Bormann et al. (2016) constataram que a performance individual destes pode melhorar ou piorar dependendo da forma com que são liderados. Sugere-se o uso das lideranças transacional¹ e transformacional² na condução do trabalho, uma vez que essas podem interferir no comportamento do indivíduo nas tarefas do dia-a-dia (LEE; KIM; KANG, 2013), apesar da segunda se mostrar mais eficiente quanto a questões motivacionais (DOHERTY; DANYLCHUK, 1996). Também foram encontradas diferenças na percepção dos atletas quanto ao relacionamento com o treinador conforme o nível educacional (ÇELIK; YALÇINKAYA, 2015).

O uso das ferramentas de tecnologia foi recorrente na apresentação de *feedbacks* dos treinadores (RIVILLA-GARCIA et al., 2014), além do foco na ação positiva do *feedback* positivo se mostrar uma melhor forma de corrigir o atleta (HOIGAARD et al., 2015). No entanto destaca-se que não foram encontrados estudos que utilizaram questionários com treinadores de handebol tratando desse assunto, revelando outra importante lacuna.

Outros trabalhos revelaram a busca pela compreensão da vivência e das interações para a aprendizagem dos treinadores. Os treinadores destacaram as experiências vividas na atuação profissional, além daquelas vivenciadas como atleta (FEU MOLINA et al., 2012). Além disso, treinadores experientes destacaram a relevância da aprendizagem sobre planejamento, questões sociais, orientação coletiva inovadora e voltada à tecnologia (FEU MOLINA, IBAÑEZ GODOY; GONZALO DELGADO, 2010b; MESQUITA et al., 2011).

Quando questionados sobre sua formação acadêmica, os treinadores mais experientes reportaram que os conteúdos apresentados na formação inicial foram insuficientes (FEU MOLINA, IBAÑEZ GODOY; GONZALO DELGADO, 2010a), sugerindo maior atenção

¹ Forma de liderança na qual recompensa-se o aprendiz por obter êxito em determinada tarefa (DOHERTY; DANYLCHUK, 1996).

² Forma de liderança onde as intervenções baseiam-se na inspiração, estímulo intelectual e carisma de uma forma individualizada, ao invés de utilizar-se da relação de troca (DOHERTY; DANYLCHUK, 1996).

para o domínio dos conteúdos específicos e para a influência social na elaboração de currículos acadêmicos (MESQUITA et al., 2012), impactando no processo de formação desses.

Os conteúdos específicos e as influências sociais devem ser enfatizados para que o treinador compreenda o contexto no qual está inserido, evitando a reprodução de conceitos genéricos ou experiências vivenciadas (sem a devida reflexão). Nesse sentido, estudos que compararam a atuação do treinador com seu grau de formação apontaram que, tanto para esse como para os atletas, a formação acadêmica pode trazer maior competência (MESQUITA et al., 2012) e aumentar o nível de motivação dos atletas (PULIDO et al., 2016).

Dados obtidos pela observação de jogos, gravação de voz e testes em computadores foram analisados quantitativamente pelos pesquisadores, apontando uma possível interferência do tempo de experiência profissional do treinador na sua capacidade de tomar decisões (FISCHER et al., 2016). De maneira análoga, o estudo de Debanne, Angel e Fontayne (2014) observou uma tendência dos treinadores em adotar estratégias mais defensivas no segundo tempo das partidas e uma ênfase na preparação física e mental ao enfrentar equipes de níveis de jogo mais próximos. Por fim, os autores reforçaram a ideia de que o *feedback* positivo pode trazer melhores resultados para corrigir o atleta.

Além das abordagens qualitativas e quantitativas, foram encontrados dois estudos que utilizaram métodos mistos, relatando a importância de o treinador liderar sua equipe junto com os atletas (KONIG, 2013) e que treinadores mais experientes possuem maior capacidade de tomada de decisão (HAGEMANN; STRAUSS; BUSCH, 2008).

Alguns dos resultados encontrados nessas pesquisas são pouco generalizáveis para o contexto do treinador brasileiro, principalmente por dois fatores: a) terem sido realizados com treinadores de outras nacionalidades (que muitas vezes dispõem de apoio para sua formação profissional); b) terem sido realizados com treinadores brasileiros de regiões específicas. Porém, é importante destacar as repercussões desses estudos no sentido de proporcionar diferentes reflexões e questionamentos sobre a formação de treinadores de handebol.

Neste estudo foram identificadas lacunas em relação aos treinadores do contexto brasileiro. Os estudos abordaram, prioritariamente, os aspectos técnico-táticos do jogo, o processo de EAT em diferentes categorias e o processo de aprendizagem profissional. De maneira geral, esses estudos apoiaram-se em abordagens quantitativas e qualitativas, em especial a partir de questionários e entrevistas com treinadores de diferentes contextos.

Considerações parciais

Entendemos que analisar a produção científica auxilia a compreender as fronteiras do conhecimento acerca dessa temática. A partir das análises foi possível identificar que, embora a produção sobre a temática ainda seja incipiente, corroborando Prieto, Gomez e Sampaio (2015), há um crescente interesse nessa, principalmente até o ano de 2014. Observou-se, ainda, que os artigos analisados foram publicados, majoritariamente, por pesquisadores provenientes de Universidades europeias, e redigidos em inglês, reafirmando o idioma como o principal em comunicações científicas nessa temática.

A revisão realizada neste estudo revelou um panorama dos tipos de pesquisa mais utilizados. Observou-se a preferência pela pesquisa qualitativa, principalmente com as entrevistas para a produção de dados. Também foram utilizadas pesquisas quantitativas, principalmente a partir da utilização de questionários para obter as informações.

Nessa investigação revelaram-se lacunas sobre o cenário brasileiro, como a necessidade de investigações mais aprofundadas sobre o contexto de formação e atuação profissional, bem como envolvendo treinadores das etapas de formação esportiva (categorias de base), sendo que o conhecimento dos aspectos inerentes a esses treinadores pode fornecer indicativos para a compreensão do processo de EAT do handebol em longo prazo.

Capítulo 2 – Métodos

Participantes

Participaram deste estudo 22 treinadores de equipes que disputam as duas principais ligas de handebol do estado de São Paulo. Essas ligas são desvinculadas do órgão que fomenta o handebol no estado e por conta da maior facilidade no acesso (valores, taxas, distância entre os municípios) à elas, algumas equipes optam por participar.

Foi selecionado esse estado, devido aos resultados expressivos obtidos em competições do país (MENEZES; MARQUES; MORATO, 2016). Já a escolha das competições se deu por possuírem mais equipes participantes quando comparadas às demais do estado e pela proximidade dos municípios, o que facilitou o acesso do pesquisador para a realização das entrevistas.

Foram selecionados apenas os treinadores que dirigem uma ou mais equipes das categorias sub-12, sub-14, sub-16 ou sub-18, tanto do sexo masculino, quanto do feminino. Essa escolha buscou garantir que as informações adquiridas estivessem relacionadas à atuação profissional direta com as categorias de base e se possa compreender como é feito o trabalho na formação dos atletas de handebol.

Devido à participação de seres humanos no estudo, inicialmente, o projeto foi enviado ao Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto para apreciação, no qual destacou-se o sigilo sobre as informações provenientes das entrevistas e esclarecimento do uso das informações apenas para fins acadêmicos. Ao obtermos o parecer 953.242 (CAAE: 39796814.8.0000.5659), foram iniciados os contatos com os treinadores que atendiam os critérios de inclusão.

Os treinadores foram contactados através de e-mail, telefone ou redes sociais, para que fosse agendado um horário não concorrente às suas atividades profissionais, garantindo assim uma maior qualidade nos dados coletados. Devido à divergência nos horários disponíveis entre o entrevistador e os treinadores, algumas entrevistas aconteceram pessoalmente e outras por meio de aplicativos de comunicação. Todos os envolvidos na pesquisa assinaram previamente um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, do qual receberam uma via.

Dos treinadores que atenderam todos os critérios de inclusão e que manifestaram interesse em colaborar com a pesquisa, a idade média foi de 40,7 anos, com tempo médio de formação de 17,1 anos, com tempo médio de conclusão da pós-graduação de 10,4 anos e tempo de experiência na profissão de 15 anos.

Destaca-se também que alguns treinadores realizam seus trabalhos com duas ou mais categorias, tanto com o sexo masculino, quanto com o feminino. No Quadro 2 estão apresentadas as informações específicas de cada um dos treinadores entrevistados, divididos por sexo das categorias que trabalham.

Quadro 2 - Caracterização dos treinadores entrevistados

	Sujeito	Idade	Categorias	Tempo formado ?	Tempo de pós-graduado ?	Tempo de experiência profissional (anos)
Masculinas	S1M	29	Todas	8	-	5
	S2M	38	sub-16	5	1	5
	S3M	31	sub-16	10	6	9
	S4M	34	sub-12	4	1	1
	S5M	26	sub-14 / sub-16	6	3	5
	S6M	45	sub-18	14	-	21
	S7M	46	sub-16 / sub-18	18	-	20
	S8M	45	Todas	22	7	20
Masculinas e femininas	S1A	46	sub-12 / sub-14	23	15	21
	S2A	55	Todas	34	17 3	24
	S3A	54	sub-14 / sub-16 / sub-18	32	20	23
	S4A	44	Todas	22	1	21
	S5A	53	sub-12	28	11	18
	S6A	39	sub-16 / sub-18	17	5	15
Femininas	S1F	41	sub-16 / sub-18	20	19	19
	S2F	45	sub-16 / sub-18	11		18
	S3F	26	sub-12 / sub-14	4		3
	S4F	40	sub-14	27	18	20
	S5F	34	sub-14 / sub-16	13	9	15
	S6F	35	sub-16	15	13	11
	S7F	36	sub-18	16	13	14
	S8F	53	sub-14	27	25	23

Tipo e Instrumento de pesquisa

Diante da complexidade do esporte, das relações entre diferentes protagonistas no esporte e da necessidade de como ocorrem as escolhas dos treinadores é necessário um método de pesquisa em que se possa observar o fenômeno de uma maneira ampla e que considere as diversas formas de o interpretar.

Para isso, nesta pesquisa, utilizou-se o método qualitativo de pesquisa. Esse método, segundo Thomas, Nelson e Silverman (2012), é utilizado para se compreender um fenômeno social como o esporte e suas interações, diferenciando-se assim do método quantitativo que aponta apenas algumas características do objeto de estudo. Esses destaques pontuais trazidos pelo método quantitativo, embora relevantes em muitos contextos, não atende às prerrogativas propostas nesta pesquisa pois podem gerar uma descontextualização com a realidade, dependendo da maneira em que são interpretados.

Dentre os métodos qualitativos de pesquisa, escolheu-se a entrevista para este estudo, por ser utilizada para possibilitar que os entrevistados discorram e exponham suas opiniões sobre a pergunta realizada e assim possa-se adquirir a maior quantidade de informações possíveis a respeito de uma temática.

Pelo fato de algumas perguntas não serem bem compreendidas pelos entrevistados ou não expostas com clareza pelo entrevistador, utilizou-se a entrevista semi estruturada e com perguntas abertas. Portanto, foi utilizado esse tipo de entrevista para se caso as respostas não suprissem completamente as necessidades da pergunta, o entrevistador pudesse intervir, direcionando o entrevistado para que compreendesse qual era o assunto em discussão, e assim obter uma resposta mais precisa (RAMOS; BRASIL; GODA, 2012).

O instrumento de entrevista divide-se em duas temáticas principais: 1) questões de caráter pessoal e formação acadêmica (Quadro 3); e 2) questões voltadas ao contexto técnico-tático do jogo ofensivo e defensivo do handebol (Quadro 4). O primeiro bloco de perguntas teve a finalidade de adquirir informações pessoais do entrevistado, com o objetivo de caracterizar os participantes envolvidos na pesquisa.

O segundo bloco de perguntas é dividido em duas etapas para a compreensão da opinião dos treinadores e como se dá a atuação deles quanto às questões técnico-táticas do esporte.

A primeira etapa direcionou o entrevistado a responder quais as suas concepções sobre o jogo ofensivo quando suas equipes enfrentam diferentes sistemas defensivos e como eles treinam suas equipes para executar as ações esperadas. A etapa seguinte teve o mesmo objetivo, porém relacionada às questões defensivas diante de diferentes sistemas ofensivos.

Quadro 3. Informações pessoais e da formação do treinador

<u>DADOS PESSOAIS</u>
1) Qual a sua idade?
2) Possui curso de Graduação? Em qual área? Em que ano? Onde?
3) Possui curso de Pós-Graduação? Em qual área? Em que ano? Onde?
4) Há quanto tempo você atua como treinador? Quanto tempo em cada categoria?
5) Atua ou atuou como treinador em equipes no ambiente escolar? Em quais categorias? Por quanto tempo?
6) Você desempenha outra função profissional? De que maneira essa função influencia na sua carreira de treinador?

Quadro 4. Concepção técnico-tática ofensiva e defensiva

<u>FASE OFENSIVA</u>
1) Diante de sistemas defensivos fechados, o que você espera que seus atacantes façam? Quais são as diretrizes individuais e coletivas que você treina? Como treina isso?
2) Diante de sistemas defensivos abertos, o que você espera que seus atacantes façam? Quais são as diretrizes individuais e coletivas que você treina? Como treina isso?
<u>FASE DEFENSIVA</u>
3) Diante de equipes que atuam com o sistema ofensivo clássico (3:3), o que você espera que seus jogadores façam? Quais são as diretrizes individuais e coletivas para os defensores? Como você treina isso?
4) Diante de equipes que atuam com sistema ofensivo diferente do clássico (com dois pivôs), o que você espera que seus jogadores façam? Quais são as diretrizes individuais e coletivas para os defensores? Como você treina isso?

Para treinamento do entrevistador, aquisição de maior confiança e para identificar parâmetros importantes a serem destacados e adequados no instrumento de entrevista, foi feita uma entrevista piloto. A entrevista piloto procedeu com um treinador de âmbito regional, a qual seguiu também todas as etapas da pesquisa posteriormente, também com o intuito de encontrar possíveis mudanças a serem feitas no instrumento de pesquisa e análise de dados.

Análise dos dados

No processo de análise dos discursos dos treinadores, as transcrições foram feitas na íntegra e o mais breve após a entrevista, de forma a garantir uma maior clareza das informações para o entrevistador e com isso uma maior fidedignidade no conteúdo exposto.

Com a transcrição das entrevistas concluídas, tabulou-se os dados obtidos e agrupou-se as respostas de cada treinador por pergunta. Em cada pergunta, as respostas foram divididas por categoria citada (sub-12, sub-14, sub-16 e sub-18). O agrupamento das respostas possibilitou identificar as ideias apresentadas em comum pelos treinadores e facilitou a aplicação da técnica de análise de entrevistas denominada Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003).

O DSC é um discurso único formado para responder às perguntas do instrumento de pesquisa diante dos pensamentos e concepções descritos pelos entrevistados, além de auxiliar na organização das ideias apresentadas por eles (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003; SANTANA, 2008).

Para a construção do DSC seguem-se algumas etapas. Primeiramente, as ideias centrais (IC) são utilizadas para sintetizar as respostas de cada entrevistado. Com isso, pode-se identificar as expressões-chave (ECH), que são trechos encontrados, os quais se relacionam com as perguntas feitas e com o tema pesquisado.

A última etapa da construção do DSC se dá com os trechos selecionados das respostas dos entrevistados passando por adaptações gramaticais, de forma a dar sentido às orações, e por fim, responderem aos questionamentos através de uma ideia coletiva.

Neste trabalho serão apresentadas as ideias centrais, buscando responder cada uma das perguntas do instrumento de entrevista separando-as por categoria (sub-12, sub-14, sub-16 e sub-18). Para a compreensão dos resultados, após a sua apresentação, esses foram comparados com o que se encontra na literatura a fim de discutir as concepções e formas de trabalho dos treinadores sobre cada um dos assuntos levantados. A discussão será direcionada para a análise da contextualização dos conteúdos transmitidos pelos treinadores e as necessidades apresentadas, na literatura, pelos aprendizes nas categorias de formação esportiva.

Capítulo 3 - Resultados e Discussão - Defesa mediante diferentes contextos ofensivos

Com a tabulação e interpretação das informações obtidas por meio das entrevistas, os elementos destacados foram agrupados com a intenção de facilitar a discussão e a compreensão dos respectivos apontamentos. Os DSC elaborados relacionam-se: a) às ações defensivas que são esperadas pelos treinadores no decorrer do jogo; e b) aos métodos de ensino utilizados nas diferentes categorias de formação pelos treinadores.

Pelo fato de alguns treinadores atuarem em duas ou mais categorias e/ou durante as respostas não diferenciarem os conteúdos, sob a justificativa de se tratar de uma continuidade do processo de EAT, ou pelo fato de as equipes treinarem no mesmo horário, destaca-se que alguns trechos dos discursos são idênticos (como, por exemplo, a sub-12 e a sub-14).

No Quadro 5 estão apresentados os DSC inerentes aos comportamentos defensivos esperados pelos treinadores em cada categoria mediante o sistema ofensivo 3:3.

Quadro 5: DSC referentes aos comportamentos mediante sistema ofensivo clássico (3:3)

Categoria sub-12 (S1M, S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S3F)

DSC1: Acho que os jogadores precisam analisar as características individuais do time adversário^{S1A,S5A} e o comportamento^{S2A,S5A} do time adversário, para que a gente se adapte^{S2A} e cada um execute sua função^{S1A}. Peço que tenha contato^{S1M,S3F} ou bloqueio se o adversário for arremessar^{S3F}, controle do atacante direto^{S1A} acertando nas contagens^{S1A,S2A}, basculação^{S5A}, trocas^{S1A,S5A} e ajudas^{S1M,S2A,S5A}, estar entre o atacante e o gol^{S1M,S5A} para impedir infiltrações e penetrações^{S5A}, fazendo falta se a adversária for fintar^{S3F}, deslocamento lateral^{S2A,S3A} para ocupar antecipadamente os espaços livres^{S5A} e as vezes peço para tirar o passe do ponta. Quando chega a bola no fundo a gente pede para pressionar^{S1M}, e se o ponta for tecnicamente inferior, ajudar mais o segundo com as trajetórias dos meias^{S1A}. O trabalho de marcação do pivô é importante^{S2A}, o meio da defesa (segundos e terceiros) tem que ter controle do pivô^{S1A}. Outra coisa que a gente começa a passar e eles não entendem é o marcador alto descer para ajudar^{S1M}. A flutuação às vezes é necessária^{S2A,S5A} para diminuir a zona de ação do arremesso^{S5A}, fazer o ataque ao jogador e voltar na diagonal^{S2A}. De acordo com o placar^{S1A}, precisamos ser mais agressivos e interceptar passes^{S2A}.

Categoria sub-14 (S1M, S5M, S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S3F, S4F, S5F, S8F)

DSC2: Acho que os jogadores precisam analisar as características^{S1A,S5A} individuais e os comportamentos^{S2A,S5A} do time adversário e ter controle do seu direto para acertar as contagens, as trocas^{S1A} e se adapte^{S2A}. Eu falo que a defesa tem que roubar a bola e caso não consiga recuperar a posse^{S5M,S3F}, que tenha um contato^{S1M,S5M,S2A,S3F} ou bloqueio^{S3F} para amortecer o arremesso e o passe ou para fazer a falta^{S5M,S3F}, e voltem na diagonal^{S2A} fazendo a flutuação^{S3A,S5A,S4F,S8F}. Para isso eles devem estar entre o atacante e o gol^{S1M}, fazer a basculação^{S2A,S3A,S5A} para ocupar o espaço livre antes do adversário^{S5A}, fazer a cobertura^{S1M,S2A,S5A,S4F,S5F} e troca de marcação^{S5F}. Quando chega a bola no fundo, a gente pede para dar uma pressão^{S1M,S4F}, a não ser que o ponta seja tecnicamente inferior, nesse caso pedimos para ajudar um pouco mais o segundo com as trajetórias dos meias, depois reduzir o espaço e confiar no goleiro^{S1A}. No meio da defesa, é importante o trabalho de marcação do pivô^{S1A,S2A,S4F,S5F}, para isso coloco um marcador fixo para ele^{S8F}. As vezes precisamos ser um mais agressivos^{S2A}, nós aumentamos ou diminuímos a profundidade de acordo com a vantagem ou desvantagem do placar^{S1A}. Ou então, se virmos que os passes estão longos demais, lentos demais para tentarmos interceptar esses passes^{S2A}. A gente começa passar mas eles ainda não entendem muito, principalmente, o marcador alto descer para ajudar^{S1M}.

Categoria sub-16 (S1M, S2M, S3M, S5M, S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S6A, S1F, S2F, S6F)

DSC3: Dependendo das demandas da partida, nós podemos mudar o sistema defensivo^{S3M,S1A,S4A}, mas

sempre pedimos que os defensores sejam ativos^{S3M,S2F}, observem as características e atitudes do adversário^{S1A,S2A,S5A,S6A,S2F}, conversem^{S2M,S5A,S2F} e ocupem seu espaço^{S2M,S5A,S6A}. Para isso, peço para que ele antecipe as ações do atacante^{S3M,S2F} com bola^{S3M} para tentar recuperar a posse^{S5M}, interceptando os passes caso estejam muito longos^{S2A}. Caso contrário, posicionem bem o corpo^{S3M}, façam a dissuasão^{S1M,S3M,S5A}, flutuação^{S3A,S5A} com contato no adversário^{S1M,S5M,S1F,S6F}, que estejam entre o atacante e o gol^{S1M,S1A,S1F} e se desloquem rápido. Se houver necessidade^{S3M}, coberturas^{S1M,S3M,S2A,S5A,S1F,S2F}, trocas de marcação^{S3M,S5A,S1F}, deslizamento^{S3M} e basculação^{S2A,S3A,S5A}. Caso os pontas sejam tecnicamente inferiores^{S1A}, peço para que ajudem mais com as trajetórias dos meias^{S1A,S6F}, depois pressionem os pontas^{S1M,S1A,S2F} reduzindo o espaço^{S1A,S6F} e confiando no goleiro^{S1A}. Além disso, o meio da defesa precisa ter controle do pivô^{S1A,S2A,S4A,S6F}.

Categoria sub-18 (S1M, S6M, S1A, S2A, S3A, S4A, S6A, S2F, S7F)

DSC4: Acho que os jogadores precisam analisar as características individuais^{S1A,S6A} e as suas ações^{S2A,S7F} do time adversário^{S1A,S2A,S6A,S7F}, e se comuniquem^{S3A,S7F}, porque nós aumentamos e diminuímos a profundidade do sistema defensivo diante disso^{S6M} e das situações do jogo^{S1A}. Com isso, esperamos que eles ocupem os espaços^{S6A,S7F} tendo controle do seu direito^{S1A,S3A}, ficando entre ele e o gol^{S1M,S1A,S7F} além de antecipar as ações do adversário^{S7F}. Então, trabalhamos para que eles façam a basculação^{S2A,S3A}, a flutuação^{S1M,S2A,S3A} com contato no adversário^{S1M,S2A}, as coberturas^{S1M,S2A,S7F}, as trocas de marcação^{S1A} e que eles tenham controle do pivô^{S1A,S2A,S4A}. Se o ponta for tecnicamente inferior, ajudar um pouco mais ao segundo com as trajetórias dos meias^{S1A}, oferecendo espaço para arremesso^{S1A} e confiar no goleiro^{S1A,S6M}, depois dar uma pressão^{S1M}. Além disso, se verem que os passes estão longos e lentos demais, tentar interceptar os passes^{S2A}.

No Quadro 6 apresenta-se os comportamentos defensivos esperados diante de sistemas ofensivos diferentes do clássico.

Quadro 6: DSC referentes aos comportamentos mediante sistemas ofensivos diferentes do clássico (4:2 e 2:4)

Categoria sub-12 (S1M, S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S3F)

DSC5: Com dois pivôs, a defesa deve se reorganizar rapidamente^{S1A} e ficar fechada^{S4A,S5A} mesmo que a defesa esteja no 5:1^{S5A}. Caso haja um desdobramento, eu peço para pressionar os laterais^{S4A} e acompanhar^{S1M}. Quando já está com dois pivôs, a gente pede para um dos primeiros da defesa acompanharem o pivô, e o último, refazer a contagem^{S1M}. Depois disso, os defensores devem preencher bem os espaços^{S1A,S3A}, ajudar o companheiro sem perder o seu direito^{S1A}, bascular^{S1A,S2A}, saber o momento de flutuar e de ficar^{S1A}. Na contagem cada um marca o que estiver mais próximo^{S1A} e faz as trocas defensivas^{S1A,S3A} passando o pivô^{S2A,S3A,S4A,S3F} conforme a bola se movimentar^{S4A}.

Categoria sub-14 (S1M, S5M, S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S3F, S4F, S5F, S8F)

DSC6: Com dois pivôs, a defesa deve se reorganizar rapidamente^{S1A} e ficar fechada^{S4A,S5A,S5M} mesmo que a defesa esteja no 5:1^{S5A}. Mas se o ataque não estiver rápido, espero que eles saiam e formem quase que um 4:2^{S5F}. Caso haja um desdobramento, eu peço para pressionar os laterais^{S4A} e acompanhar^{S1M}. Quando já está com dois pivôs, a gente pede para um dos primeiros da defesa acompanharem o pivô, e o último, refazer a contagem^{S1M}. Depois disso, os defensores devem preencher bem os espaços^{S1A,S3A}, ajudar o companheiro sem perder o seu direito^{S1A}, bascular^{S1A,S2A}, saber o momento de flutuar e de ficar^{S1A}. Na contagem cada um marca o que estiver mais próximo^{S1A,S4F} e faz as trocas defensivas^{S1A,S3A,S4F} passando o pivô^{S2A,S3A,S4A,S3F,S4F} conforme a bola se movimentar^{S4A} ou marcamos o pivô individualmente^{S8F}.

Categoria sub-16 (S1M, S2M, S3M, S5M, S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S6A, S1F, S2F, S6F)

DSC7: Com dois pivôs, eles devem se reorganizar rapidamente^{S1A}, dividindo a defesa^{S6A} e ficando fechado^{S4A,S5A,S2M,S5M} mesmo que a defesa esteja no 5:1^{S5A}. Caso haja um desdobramento, eu peço para pressionar os laterais^{S4A} e acompanhar^{S1M}. Quando já está com dois pivôs, a gente pede para um dos primeiros da defesa acompanharem o pivô, e o último, refazer a contagem^{S1M}. Depois disso, os defensores devem preencher bem os espaços^{S1A,S3A,S6A}, ajudar o companheiro^{S1A,S3M,S2F,S6F} sem perder o seu direito^{S1A,S2M}, bascular^{S1A,S2A,S2F}, saber o momento de flutuar, de ficar^{S1A} e de dissuadir^{S3M} se o pivô não

estiver naquele lado^{S1F}. Na contagem cada um marca o que estiver mais próximo^{S1A} e faz as trocas defensivas^{S1A,S3A,S3M,S6F} passando o pivô^{S2A,S3A,S4A,S3M,S2F} conforme a bola se movimentar^{S4A}, sem ficar preso no bloqueio^{S2F} e cortando a linha de passe dele^{S6A}.

Categoria sub-18 (S1M, S6M, S1A, S2A, S3A, S4A, S6A, S2F, S7F)

DSC8: Com dois pivôs, a defesa deve se reorganizar rapidamente^{S1A}, se dividir^{S6A} e ficar fechada^{S4A,S7F}. Caso haja um desdobramento, eu peço para pressionar os laterais^{S4A}, acompanhar^{S1M} e sair numa defesa mista, marcando os laterais^{S6M}. Quando já está com dois pivôs, a gente pede para um dos primeiros da defesa acompanharem o pivô, e o último, refazer a contagem^{S1M}. Depois disso, os defensores devem preencher bem os espaços^{S1A,S3A,S7F}, ajudar o companheiro^{S1A,S2F} sem perder o seu direto^{S1A}, bascular^{S1A,S2A,S2F}, saber o momento de flutuar, de ficar e de trocar^{S1A}. Na contagem cada um marca o que estiver mais próximo^{S1A}, faz as trocas defensivas^{S1A,S3A,S6M} passando o pivô^{S2A,S3A,S4A,S2F} conforme a bola se movimentar^{S4A}, ter atenção com a linha de passes para ele^{S6A} e não ficar preso nos bloqueios^{S2F}.

Num primeiro momento constatou-se a presença de conteúdos com forte apelo ao modelo de jogo utilizado, que estão diretamente referenciados à observação, à análise e à interpretação das ações dos adversários e da própria equipe. Esses aspectos levam a possíveis ajustes no comportamento dos jogadores, seja em um plano individual, grupal ou de sistema de jogo (CASARIN et al., 2011).

Em um segundo momento foram identificados princípios defensivos individuais e coletivos, que os treinadores esperam que sejam executados independentemente das ações dos adversários, porém atentando-se ao sistema ofensivo disposto.

Tal expectativa pode estar relacionada a aspectos inerentes à formação do treinador ao passo que, a partir de suas diferentes experiências, os levam a adotar modelos de jogo dos quais acreditam que possam tirar maior proveito no contexto das relações entre os jogadores.

Assim, os treinadores definem princípios pelos quais serão possíveis desenvolver o comportamento dos defensores e suas expectativas para os planos individual e coletivo. A partir da identificação desses aspectos foi possível discutir os métodos de ensino adotados para a abordagem de tais conteúdos.

Nos discursos analisados notou-se conteúdos em comum que possibilitaram direcionar a discussão do que os treinadores esperam de suas equipes em: 1) elementos relacionados ao modelo de jogo utilizado pelos treinadores; 2) comportamentos individuais e 3) comportamentos coletivos esperados por eles, além dos métodos utilizados nos treinamentos.

Elementos relacionados ao modelo de jogo

Na Figura 7 está apresentado um diagrama que sumariza as informações inerentes às variáveis relacionadas ao modelo de jogo em cada categoria mediante o sistema ofensivo clássico (3:3) e sistemas ofensivos diferentes do clássico (como 2:4 e 4:2).



Figura 7: Comportamentos esperados pelos treinadores, relacionados ao modelo de jogo, em cada categoria mediante diferentes sistemas ofensivos

Nos discursos (DSC1 ao DSC8), foram apresentadas diversas preocupações quanto à forma em que os jogadores reagem frente às demandas do jogo e quais estratégias devem ser adotadas para melhor responder às particularidades de cada situação. Outra questão importante quanto às opiniões é que pode haver divergência devido à influência do contexto não mediado de aprendizagem (relacionamento com outros treinadores, vivência prática e influência de mentores) na atuação profissional dos treinadores de handebol (CUNHA, 2014).

Na categoria sub-12 (DSC1) os discursos apontaram que diante do sistema ofensivo 3:3 a análise do oponente é fundamental para que se possa entender as características físicas e as estratégias utilizadas pelos dos adversários, e com isso os jogadores adaptem suas ações

conforme os pontos fortes e fracos dos atacantes. Para uma melhor organização da equipe durante o processo defensivo, os treinadores nesta categoria esperam que seus jogadores saibam quem é o seu atacante direto.

Essa forma de organização é citada por Menezes (2011), ao apresentar a marcação do jogador direto como uma diretriz em comum para os sistemas defensivos individuais e zonais, nos quais o defensor se responsabilizará diretamente pelo adversário que ocupa a zona mais próxima dele (em caso de defesa zonal).

Ainda a respeito da defesa contra o sistema ofensivo 3:3, os DSC1, DSC2, DSC3 e DSC4 destacam a importância da alteração da profundidade defensiva conforme há necessidade diante das demandas apresentadas pelo jogo e pela organização da equipe adversária.

A adoção de maior ou menor profundidade no posicionamento dos defensores pode estar relacionado diretamente com a escolha do sistema. Caso haja atacantes na equipe adversária com uma boa capacidade de arremessos de longa distância, uma possível solução para essa situação seja a utilização de um sistema defensivo mais profundo (como o 3:3) para evitar dificultar as ações que culminem nesses arremessos (MENEZES, 2013).

Em contrapartida, caso na equipe adversária exista atacantes com uma boa capacidade de infiltração, de fintas ou de finalização das pontas, a utilização de um sistema defensivo com menor profundidade (6:0) pode ser mais eficaz, uma vez que a proximidade entre os defensores pode facilitar as coberturas, as ajudas e as ocupações de espaços (MENEZES, 2011).

Quando questionados sobre a atuação da defesa contra um sistema ofensivo com dois pivôs (4:2 ou 2:4), os discursos abordaram (DSC5, DSC6, DSC7 e DSC8) a necessidade de uma reorganização nas ações por parte dos defensores. A necessidade de reorganização, que aparece em todas as categorias, pode se dar devido à utilização do sistema ofensivo com dois pivôs não ser tão frequente no handebol comparado ao sistema com apenas um pivô e, principalmente, por conta das ocupações espaciais, das relações entre marcadores direto e das interações se alterarem no momento da mudança do sistema ofensivo (MENEZES, 2011).

Devido ao sistema ofensivo supracitado oferecer maiores possibilidades dos atacantes realizarem ações com os companheiros posicionados mais próximos ao gol podendo gerar uma maior eficácia ao ataque (MENEZES, 2011), os discursos destacam a necessidade de seus defensores permanecerem próximos uns aos outros (como manifestado nos DSC5,

DSC6, DSC7 e DSC8). Possivelmente esse fator tenha sido mencionado para a diminuição dos espaços entre os defensores, dificultando a progressão dos atacantes e os passes para os pivôs e, ao mesmo tempo, induzindo o adversário a realizar arremessos de maiores distâncias, os quais parecem ser menos eficazes (LOZANO; CAMERINO; HILENO, 2016), em especial nas categorias menores.

Na categoria sub-14, cujo DSC2 apresenta as principais características, foi observada uma condição muito similar à categoria sub-12 (DSC1) em relação aos comportamentos esperados mediante sistema ofensivo 3:3, exceto quando o ataque se posiciona com dois pivôs. Neste contexto os discursos, nas categorias sub-14 (DSC6) e sub-16 (DSC7), acrescentaram que os jogadores devem adotar posturas distintas conforme o sistema defensivo utilizado no momento, ficando mais distantes e ocupando mais os espaços da quadra (abertos) ou mais próximos à área (fechados) quando ocorrer a mudança do sistema ofensivo.

Alguns apontamentos feitos nas categorias anteriores se repetem para a defesa na categoria sub-16 (DSC3 e DSC7) atuando contra ambos os sistemas analisados, porém questões como a adaptação aos comportamentos dos adversários e o reconhecimento do atacante direto não são mencionadas nesta categoria. Possivelmente estes elementos não são apontados devido ao maior tempo de prática e à maior vivência dos jogadores no handebol, havendo assim uma consolidação dessas questões por já terem ocorrido e, portanto, não sendo necessária a ênfase em alguns conteúdos (MENEZES; REIS; TOURINHO FILHO, 2015), por já estarem consolidados.

A partir da categoria sub-16 os discursos apontam uma maior exigência por parte dos treinadores devido à uma maior compreensão das questões técnico-táticas por parte do jogadores (MENEZES et al., 2018). Essa exigência pode acontecer devido à influência do processo maturacional no jogo (RÉ et al., 2005) e do tempo de prática do aprendizes (MENEZES et al., 2018), o que pode levar alguns treinadores a demonstrar atenção maior para questões não enfatizadas nas categorias anteriores.

Por haver aumento na velocidade das ações dos jogadores nessa categoria (RÉ et al., 2005), uma maior compreensão das situações pelo tempo de vivência (MENEZES; REIS; TOURINHO FILHO, 2015) e o incentivo para que as transições da defesa para o ataque sejam executados rapidamente buscando vantagem numérica e espacial diante do adversário (MENEZES; MORATO; MARQUES, 2016), há necessidade de que haja recomposição e

organização defensiva rápida, o que corrobora com os discursos ao destacarem a importância da comunicação entre os jogadores e uma postura mais ativa.

Outro fator que pode ser destacado na análise da comunicação com os companheiros e a postura é, novamente, a vivência do jogador ao longo do processo de EAT do handebol, já que essa pode auxiliar no desenvolvimento de tais questões.

A comunicação entre os jogadores é citada por Leonardo, Scaglia e Reverdito (2009) como algo aprendido no decorrer da prática, na medida em que os jogadores se expressam para solucionar criticamente as diferentes situações apresentadas pelo jogo. Além disso, a capacidade de responder de forma crítica aos problemas que surgem no decorrer da partida, faz com que os treinadores esperem de seus jogadores uma participação mais ativa nas tomadas de decisão.

A capacidade de antecipação é outro ponto citado nos discursos (DSC4) e que pode ser explicado pelas experiências específicas (ou não) na prática esportiva, além de possuir intrínseca relação com o processo de tomada de decisão (MATIAS; GRECO, 2010). Essa questão é central para os treinadores, possivelmente, porque reflete o desenvolvimento da compreensão do jogo por meio das situações presenciadas em jogos e treinamentos (MENEZES, 2012), auxiliando-os na interpretação e na resposta para cada uma das situações apresentadas.

Nos DSC4 e DSC8 (categoria sub-18) foram destacados os mesmos aspectos elucidados nos DSC3 e DSC7 (categoria sub-16). No entanto um detalhe chamou atenção: na categoria sub-18 os discursos não citaram a necessidade de enfatizar a adaptação do comportamento defensivo quando ocorre a mudança do sistema ofensivo adversário. Assim como abordado nas comparações entre o DSC2 e o DSC3, supõe-se que as experiências, a compreensão dos aspectos específicos do handebol e as exigências sejam maiores nessa idade (MENEZES et al., 2018) e, por esses motivos, o jogador já se ajusta às situações com maior facilidade.

Ao analisarmos o que espera-se dos jogadores quanto aos elementos relacionados ao modelo de jogo, notou-se pequenas diferenças entre os conteúdos exigidos por esses ao longo das categorias. As diferenças entre os conteúdos estão diretamente relacionadas ao processo maturacional e às experiências vivenciadas no handebol.

Os discursos ainda expressaram a necessidade de interpretação das demandas apresentadas pelo jogo e pelo adversário, seguido da adaptação das ações realizadas pelos

defensores diante das situações.

Comportamentos Técnico-Táticos Individuais

Os meios técnico-táticos individuais defensivos são aqueles que, embora inseridos no contexto coletivo, dependem de um único jogador para serem executados e são utilizados na tentativa de se obter êxito diante das estratégias dos atacantes adversários (MENEZES; REIS, 2014). Na figura 8 estão apresentados os meios técnico-táticos individuais defensivos que os treinadores esperam ser executados pelos seus jogadores em cada categoria.

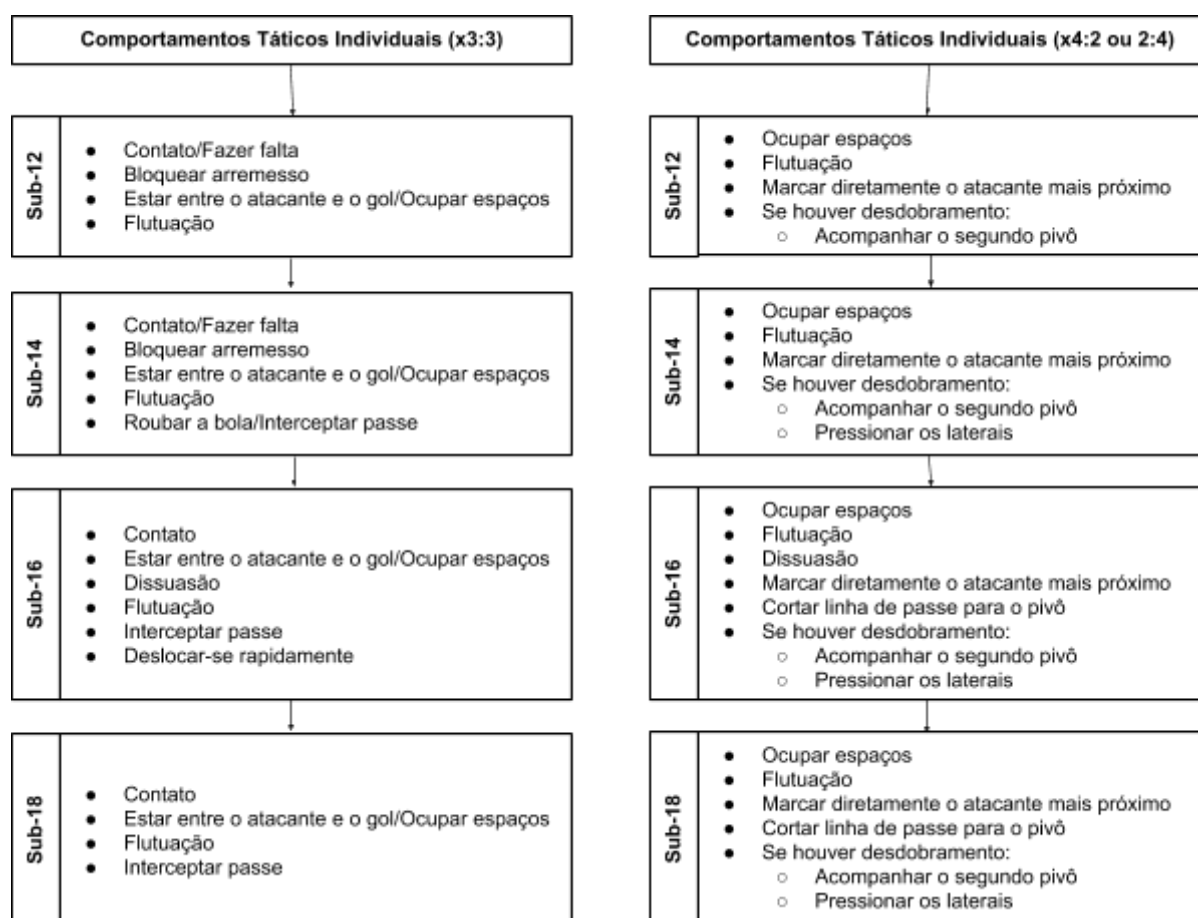


Figura 8: Comportamentos técnico-táticos individuais esperados pelos treinadores, em cada categoria, mediante diferentes sistemas ofensivos

Assim como nos elementos relacionados ao modelo de jogo, as ações individuais exigidas pelos treinadores e os conteúdos ensinados por eles nessas categorias, consideram o processo maturacional de cada jogador e o seu tempo de prática no handebol no momento da estruturação do trabalho (quando há essa perspectiva em longo prazo). Os elementos apresentados quando enfrenta-se ambos os sistemas ofensivos são semelhantes, mas as

exigências são diferentes dependendo da categoria observada.

A distinção dos conteúdos apresentados entre as categorias ocorreu devido ao aumento da complexidade do jogo nas categorias com maiores idades, junto com a necessidade dos jogadores de se adaptarem à maior velocidade do jogo e às novas possibilidades de interação nas relações entre companheiros e adversários. Além disso, esses fatos confirmam-se com afirmação de que a partir das categorias mais velhas (sub-16 e sub-18) a exigência de rendimento e a necessidade pela especialização dos jogadores aumentam (MENEZES et al., 2018).

Na categoria sub-12, assim como nas demais, enfatizou-se a ocupação dos espaços e o posicionamento dos defensores independentemente do sistema ofensivo enfrentado. Essa preocupação justifica-se com a afirmação de que o handebol é um jogo coletivo esportivizado de invasão com constante disputa por espaços, sendo primordial o posicionamento do defensor entre o atacante e o alvo (SILVA, 2008).

Elena (2013) analisou o jogo de handebol em alto nível e concluiu que devido à velocidade e à intensidade das ações, trata-se de um esporte no qual há elevada frequência de contatos entre os jogadores, principalmente pelo fato de a falta defensiva ser uma das formas de dificultar ou interromper a progressão dos atacantes adversários, e é utilizada como estratégia para que seja possível reorganizar o sistema defensivo (SILVA, 2008).

No DSC1 e no DSC2 é externada a preocupação de apresentar aos seus jogadores essa possibilidade desde as categorias menores (sub-12 e sub-14). Essa estratégia pode ser utilizada para simplificar o jogo para os mais jovens, além de habitué-los ao contato físico para que tenha um objetivo, exclusivamente, estratégico (não havendo violência e/ou deslealdade). Porém, ao mesmo tempo em que o uso da falta defensiva pode auxiliar na simplificação do jogo, a sua ênfase pode substituir a aprendizagem de princípios básicos do jogo, como a ocupação dos espaços e o posicionamento dos defensores entre o atacante direto e o gol.

Do DSC1 ao DSC8 há alusão às flutuações, ao contato com o adversário e à marcação direta do atacante mais próximo em todas as categorias para marcação do adversário. Menezes (2011) mostra que a flutuação é utilizada como forma de redução de espaços do atacante, o que corrobora com as expectativas expostas pelos discursos. Já o contato e a marcação do atacante mais próximo buscam impedir a progressão do adversário, dessa forma utiliza-se desses meios técnico-táticos para que o defensor tente obter vantagens por meio da

pressão exercida sobre o adversário, mas que podem ocasionar alguns contatos faltosos entre os jogadores, passíveis de punição.

Ao defender contra um sistema ofensivo com dois pivôs os discursos apontaram em todas as categorias (DSC5 ao DSC8) que suas equipes tenham atenção com esses dois jogadores e acompanhem o adversário que estiver realizando o desdobramento quando ocorre, por conta desses estarem posicionados mais próximos ao gol e conseqüentemente terem mais possibilidades de serem efetivos (LOZANO; CAMERINO; HILENO, 2016).

A partir da categoria sub-14, os discursos (DSC2, DSC3 e DSC4) enfatizam a possibilidade de roubar a bola e interceptar passes. Esses elementos podem estar ligados à experiência no handebol ao longo do tempo, pois ao executá-los os jogadores necessitam de uma maior vivência no jogo, o que lhes permite antecipar as ações adversárias (MATIAS; GRECO, 2010; MENEZES, 2012; MENEZES; REIS; TOURINHO FILHO, 2015).

A combinação de aspectos como a maturação dos jogadores e a experiência na prática, podem influenciar as mudanças nas expectativas dos elementos a serem executados defensivamente, aumentando a exigência por um melhor desempenho (MENEZES et al., 2018). Na categoria sub-16 os discursos (DSC3) demonstram a exigência dos jogadores se deslocarem de forma mais rápida, a apresentação dos conteúdos da dissuasão e a necessidade de se ocupar a linha de passe para o pivô. A necessidade de se deslocar mais rapidamente pode estar ligada com o ganho de força e, conseqüentemente, velocidade nas ações devido às modificações advindas do processo maturacional dos jogadores nessa idade (DELLAGRANA et al., 2010; MATTHYS et al., 2012).

Ao apontarem a dissuasão³ como um conteúdo importante para a categoria sub-16 (DSC3 e DSC7), demonstra-se a preocupação dos treinadores com a necessidade de dificultar as ações dos atacantes gerando dúvidas, fazendo com que o adversário afaste-se de seu alvo e, conseqüentemente, que diminuam velocidade de circulação da bola no ataque (MENEZES, 2011). Esse meio técnico-tático defensivo pode ter sido citado, a partir desse momento (sub-16), devido ao processo maturacional dos jogadores aumentar a velocidade do jogo (DELLAGRANA et al., 2010; MATTHYS et al., 2012) e pelo fato da experiência dentro do jogo proporcionar uma melhor compreensão deste (MENEZES; REIS; TOURINHO FILHO, 2015).

³ Meio técnico-tático utilizado para dificultar as ações dos possíveis recebedores da bola, gerando dúvidas ao portador do implemento e fazendo com que esses tenham que se afastar do marcador para que seja criada uma linha de passe (MENEZES, 2011).

Outro ponto de importante destaque nos discursos é a marcação do pivô e a sua linha de passe quando o ataque adversário altera seu sistema ofensivo (de 3:3 para 4:2 ou 2:4). Os treinadores pedem para que seus jogadores impeçam que a bola chegue aos pivôs. Esse apontamento nos faz retomar as justificativas do tema anterior, no qual relatou-se (DSC5 ao DSC8) a necessidade de manter a defesa fechada quando houver dois pivôs atacando, possivelmente para facilitar a marcação dos mesmos e dificultar a recepção da bola.

Nas categorias sub-16 e sub-18, os discursos não apontam a necessidade de utilizar as faltas como estratégias para se impedir a progressão do adversário. O ganho de experiência no jogo e, novamente, a noção de espaço e tempo mais apurados podem estar relacionados com essa questão.

Com uma compreensão mais ampla dos meios técnico-táticos ofensivos, os jogadores podem lembrar as situações já vividas (memória) no handebol e antecipar-se aos movimentos dos adversários (MATIAS; GRECO, 2010). Tal comportamento possibilitará que cometam menos faltas, optando por melhores posicionamentos, permitindo que os atacantes realizem os arremessos de zonas onde os goleiros são mais efetivos (SILVA, 2008). Outro motivo para os treinadores não enfatizarem a falta defensiva se refere ao tempo de experiência, que pode auxiliar os jogadores a incorporar e a compreender a função dessa ação ao seu jogo, de forma que não seja mais necessária a cobrança.

Com um maior tempo de vivência específica no handebol os treinadores entendem não ser mais necessário enfatizar alguns conteúdos. Como exemplo, na categoria sub-18 não é mencionada a ênfase na dissuasão e nos deslocamentos velozes. Assim como os demais elementos não apresentados nas transições entre as categorias anteriores, entende-se que não há necessidade de retomar alguns conteúdos, uma vez que já houve a consolidação da aprendizagem durante o tempo de prática e uma melhor compreensão do jogo por parte dos jogadores.

Comportamentos Técnico-Táticos Coletivos

Tendo os mesmos objetivos dos meios técnico-táticos individuais (MENEZES; REIS, 2014), os meios técnico-táticos coletivos defensivos são ações que dependem de dois ou mais jogadores para serem realizadas. Nos discursos foram citados alguns desses meios, os quais estão destacados na Figura 9.

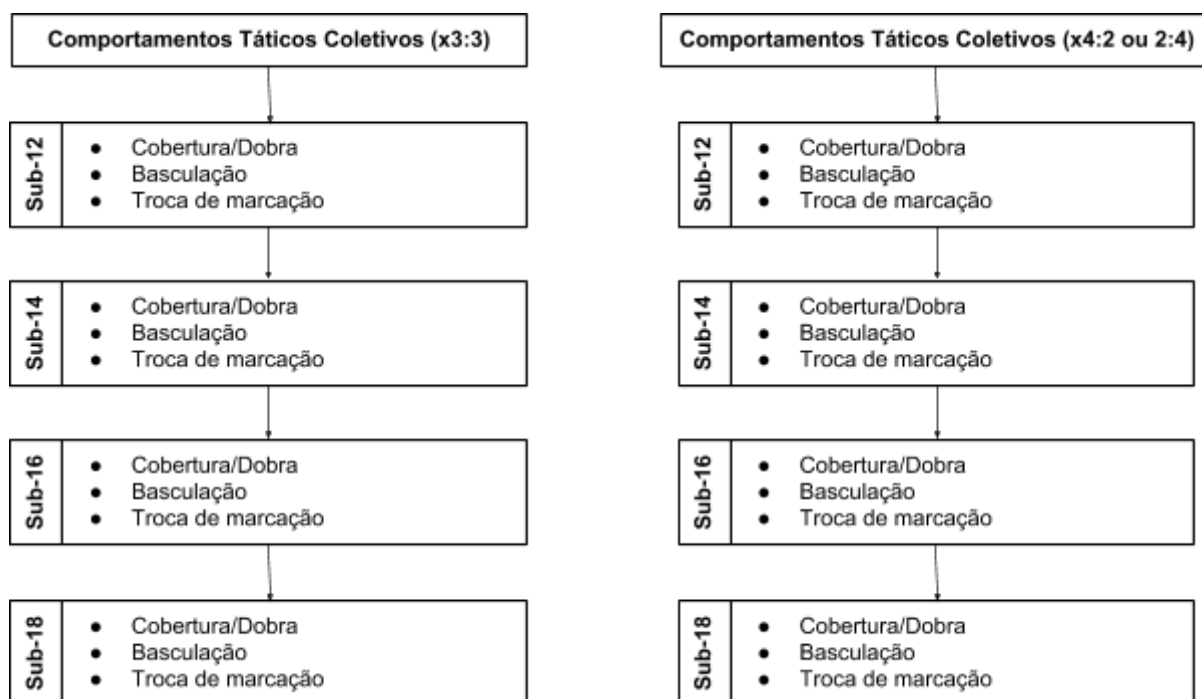


Figura 9: Comportamentos técnico-táticos coletivos esperados pelos treinadores, em cada categoria, mediante diferentes sistemas ofensivos

Diferentemente dos achados dos temas anteriores, quando os treinadores se referiram aos meios técnico-táticos coletivos defensivos, não foram observados depoimentos que possibilitaram diferenciar os conteúdos enfatizados em cada categoria. Ou seja, encontrou-se que as exigências e necessidades coletivas em todas as categorias, na opinião dos treinadores, são as mesmas. Os elementos citados pelos entrevistados (DSC1 ao DSC8) foram a cobertura, a basculação e as trocas de marcação.

A cobertura ou dobra é uma ação defensiva utilizada, na qual um defensor ajuda seu companheiro à impedir a progressão do adversário e reduzir a vantagem dele por meio da ocupação dos espaço-intervalo entre os defensores, principalmente quando o portador da bola vence o confronto na relação individual (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999).

Na tentativa de gerar superioridade nas regiões próximas a bola, foi apontada a utilização da basculação em todas as categorias. O movimento de basculação consiste no deslocamento dos defensores no sentido da circulação da bola, para que os defensores ocupem os espaços próximos a bola, além de gerar superioridade nos confrontos (MENEZES, 2011).

Por fim, os discursos apresentados citaram as trocas de marcação, que visa a mudança do marcador direto de dois ou mais defensores, buscando o equilíbrio do sistema nos espaços

defensivos, devido à troca de posições dos atacantes (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999).

Ao analisarmos os comportamentos esperados pelos treinadores nota-se que a execução dos meios técnico-táticos coletivos como a dissuasão, os deslocamentos e a marcação, em conjunto, relaciona-se com os meios técnico-táticos coletivos apresentados. Esse fato nos traz a ideia de fragmentação dos conteúdos apresentados aos jogadores e, na concepção dos entrevistados, o aprimoramento das questões individuais são base para as ações coletivas

Métodos de Ensino-Aprendizagem-Treinamento

Após responderem a respeito do que exigem defensivamente de suas equipes, os treinadores foram questionados sobre os métodos de ensino utilizados na abordagem dos conteúdos exigidos. No Quadro 7 estão apresentados os discursos referentes aos métodos de ensino que os treinadores adotam em suas equipes em todas as categorias diante do sistema ofensivo clássico (3:3).

Quadro 7: DSC referentes aos métodos de ensino mediante sistema ofensivo clássico (3:3)

<p>Categoria sub-12 (S1M, S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S3F)</p> <p>DSC9: Eu costumo fazer muitos exercícios próximos à área^{S5A}. Exercícios de pegada defensiva^{S3F}, fazendo movimentações de basculação, de flutuação e para que cada um saiba se posicionar dentro da sua área^{S5A}. Depois treinamos isso com o situacional, meia quadra, ataque x defesa^{S1M,S5A} em diferentes posições^{S5A}. E o coletivo vai ser apenas o trabalho de coordenação coletiva, para que eles possam funcionar juntos^{S5A} e eu vá indicando “fecha mais, fecha menos”^{S3F}.</p>
<p>Categoria sub-14 (S1M, S5M, S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S3F, S4F, S5F, S8F)</p> <p>DSC10: Eu costumo fazer muitos exercícios próximos à área^{S5A}. Exercícios de pegada defensiva^{S3F}, fazendo movimentações de basculação, de flutuação e para que cada um saiba se posicionar dentro da sua área^{S5A}. Depois treinamos isso com o situacional, meia quadra, ataque x defesa^{S1M,S5A,S4F} em diferentes posições^{S5A,S4F}. E o coletivo vai ser apenas o trabalho de coordenação coletiva, para que eles possam funcionar juntos^{S5A,S4F} e eu vá indicando “fecha mais, fecha menos”^{S3F}.</p>
<p>Categoria sub-16 (S1M, S2M, S3M, S5M, S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S6A, S1F, S2F, S6F)</p> <p>DSC11: À partir disso eu vou trabalhando exercícios que desafiem eles à brigarem pelo espaço, incentivando bastante o contato e a antecipação para conseguir marcar bem o um contra um^{S1F}. Começo fazendo exercícios específicos posicionado^{S5A,S6A}, próximos à área^{S5A} e por partes^{S4A,S5A}, para facilitar a compreensão deles^{S6A}. Em seguida, trabalhamos situações de jogo^{S2M} com diversas relações numéricas^{S1F,S3M,S4A,S5A} em meia quadra^{S1M}, enfatizando a defesa^{S3M}. Já no coletivo, deixamos para acertar algumas coisas^{S1M,S5A}.</p>
<p>Categoria sub-18 (S1M, S6M, S1A, S2A, S3A, S4A, S6A, S2F, S7F)</p> <p>DSC12: Treinamos isso com o situacional, meia quadra^{S1M}, com diferentes relações numéricas e aumentando a complexidade^{S4A} e no jogo deixamos para acertar algumas coisas^{S1M}. Faço também exercícios específicos posicionado, para que eles entendam o espaço que tem que cobrir e o por quê^{S6A}.</p>

No Quadro 8 estão apresentados os discursos referentes aos métodos de ensino que os treinadores adotam em suas equipes em todas as categorias diante de sistemas ofensivos diferentes do clássico (4:2 e 2:4).

Quadro 8: DSC referentes aos métodos de ensino mediante sistemas ofensivos diferentes do clássico (4:2 e 2:4)

<p>Categoria sub-12 (S1M, S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S3F)</p> <p>DSC13: A melhor maneira de se treinar isso^{S1A} é em situações de jogo^{S1A,S3A}, com superioridade^{S3A}, sempre corrigindo e esclarecendo dúvidas^{S1A}. Ou então, por meio de exercícios específicos com posicionamento de avançados [jogador da segunda linha no sistema defensivo 5:1] e fazendo recortes^{S1A}. E na parte final do treino, quando eu separo os dois times e faço ataque contra defesa saindo para o contra ataque, para associar toda aquela saída de bola e de quem cada um está marcando^{S4A}.</p>
<p>Categoria sub-14 (S1M, S5M, S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S3F, S4F, S5F, S8F)</p> <p>DSC14: A melhor maneira de se treinar isso^{S1A} é em situações de jogo^{S1A,S3A}, com superioridade^{S3A}, sempre corrigindo e esclarecendo dúvidas^{S1A}. Ou então, por meio de exercícios específicos com posicionamento de avançados [jogador da segunda linha no sistema defensivo 5:1] e fazendo recortes^{S1A}. E na parte final do treino, quando eu separo os dois times e faço ataque contra defesa saindo para o contra ataque, para associar toda aquela saída de bola e de quem cada um está marcando^{S4A}.</p>
<p>Categoria sub-16 (S1M, S2M, S3M, S5M, S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S6A, S1F, S2F, S6F)</p> <p>DSC15: A melhor maneira de se treinar isso^{S1A} é em situações de jogo^{S1A,S3A}, com superioridade^{S3A}, sempre corrigindo e esclarecendo dúvidas^{S1A}. Ou então, por meio de exercícios específicos com posicionamento de avançados [jogador da segunda linha no sistema defensivo 5:1] e fazendo recortes^{S1A,S1F}. E na parte final do treino, quando eu separo os dois times e faço ataque contra defesa saindo para o contra ataque, para associar toda aquela saída de bola e de quem cada um está marcando^{S4A}.</p>
<p>Categoria sub-18 (S1M, S6M, S1A, S2A, S3A, S4A, S6A, S2F, S7F)</p> <p>DSC16: A melhor maneira de se treinar isso^{S1A} é em situações de jogo^{S1A,S3A}, com superioridade^{S3A}, sempre corrigindo e esclarecendo dúvidas^{S1A}. Ou então, por meio de exercícios específicos com posicionamento de avançados [jogador da segunda linha no sistema defensivo 5:1] e fazendo recortes^{S1A,S7F}, e somando pequenas partes^{S7F}. E na parte final do treino, quando eu separo os dois times e faço ataque contra defesa saindo para o contra ataque, para associar toda aquela saída de bola e de quem cada um está marcando^{S4A}.</p>

Diante deste questionamento, encontrou-se um padrão nas formas de ensino no decorrer das categorias, sendo que em todos os discursos (DSC9 ao DSC16) enfatiza-se a utilização dos métodos situacional e do analítico-sintético para o ensino dos conteúdos. A única exceção foi dos discursos da categoria sub-18 contra o sistema ofensivo clássico (DSC12), que não relataram a utilização do método analítico durante os treinamentos dessa situação.

Ao analisar os discursos, notou-se a tendência de se utilizar o método situacional e o analítico-sintético no trabalho de compreensão das possíveis situações defensivas encontradas no jogo posicional do handebol. Os entrevistados expressaram o uso da fragmentação do jogo nos treinamentos visando simplificar as situações por meio desses métodos, e com isso

facilitar a compreensão por parte dos jogadores.

Por meio de recortes específicos do jogo mas com a preservação de suas estruturas, o método situacional é uma forma de se desenvolver o comportamento técnico-tático diante das situações apresentadas, ao mesmo tempo em que visa estimulá-los a compreender taticamente cada uma das ações realizadas (RICCI et al., 2011) por meio de um pensamento crítico e baseado nas tomadas de decisão (LIMA; MATIAS; GRECO, 2012).

A utilização do método analítico-sintético, apresentada nos discursos, pode se justificar pela necessidade de um aperfeiçoamento técnico por meio da repetição dos movimentos de forma isolada (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014). Porém, com a aplicação exacerbada desse método de ensino pode-se desmotivar os aprendizes, além apresentar práticas descontextualizadas, uma vez que o treinamento é baseado em ações isoladas do ambiente de jogo (MENEZES et al., 2018).

Ao citarem a utilização de exercícios voltados para a execução de movimentos específicos e para a simplificação das situações do jogo, desde as categorias mais jovens, demonstra-se uma preocupação quanto à aprendizagem e compreensão das ações e conteúdos exclusivos do handebol. Baseando-se no modelo de ensino proposto por Teoldo et al. (2010), nota-se que essas ideias enquadram-se nas etapas em que estimula-se o pensamento estratégico e as tomadas de decisões, buscando saber o que se deve fazer e como agir em cada uma das situações do jogo. Apesar disso, segundo a sugestão dos mesmos autores, o início desse processo deve pautar-se na compreensão das formas e dos conceitos do jogo, para que com isso o aprendiz tenha conhecimento das estruturas, regras e maneiras de se jogar.

Essa questão pode ser reforçada quando Menezes, Reis e Tourinho (2015) apontam que um fator importante a se considerar no processo de formação dentro de uma modalidade esportiva é a contribuição dos métodos utilizados para evitar processos de especialização esportiva precoce dos jogadores e uma vivência que estimule a compreensão do jogo, o pensamento crítico e as tomadas de decisões.

O treinamento voltado para a execução de ações específicas do jogo pode levar os jogadores a movimentos estereotipados e próximos do que se realiza na categoria adulta. Dessa maneira, tal contexto pode contribuir para que sejam reproduzidos estereótipos nas etapas de formação dos jogadores, o que poderia levar a esse processo de especialização (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014), apesar da necessidade de apresentar os conteúdos de forma ampla e variada, principalmente nas categorias menores (MENEZES;

REIS, 2017c).

Autores como Silva e Greco (2009) e Lima, Matias e Greco (2012) mostraram que no futsal e no voleibol, respectivamente, a intervenção por meio de situações que estimulem a solução de situações-problema podem gerar resultados positivos no que condiz ao pensamento técnico-tático dos jogadores.

Capítulo 4 - Resultados e Discussão - Ataque mediante diferentes contextos defensivos

Quando a temática envolveu os comportamentos dos atacantes diante de diferentes contextos defensivos, foi possível elaborar os DSC relacionados a) às ações ofensivas que são esperadas pelos treinadores no decorrer do jogo e b) aos métodos de ensino utilizados nas diferentes categorias de formação do handebol paulista.

Pelo fato de alguns treinadores atuarem em duas ou mais categorias e/ou durante as respostas não diferenciarem os conteúdos, sob a justificativa de se tratar de uma continuidade do processo de EAT, ou pelo fato de as equipes treinarem no mesmo horário, destaca-se que alguns trechos dos discursos são idênticos (como, por exemplo, a sub-12 e a sub-14).

No Quadro 9 estão apresentados os DSC inerentes aos comportamentos ofensivos esperados pelos treinadores em cada categoria mediante o sistema defensivo fechado (6:0).

Quadro 9: DSC referentes aos comportamentos mediante sistema defensivo fechado

Categoria sub-12 (S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S1M, S3F)

DSC17: Eu peço que eles ataquem no ímpar ou no par^{S1M,S3A}, para que o adversário se desloque^{S2A,S3A}, e passem rápido a bola^{S2A,S3F} para dar continuidade no ataque^{S1M}, e com isso façam sobrar algum espaço^{S1M,S2A,S3F}. Além disso, eles devem perceber qual o melhor momento para arremessar de fora^{S1A,S3A,S4A,S5A} com salto ou apoio, já que os espaços são menores na defesa 6:0^{S1A}. Ainda contra sistemas fechados, eu oriento que eles tentem enxergar o pivô^{S3A}, ou trabalhem com dois pivôs, principalmente usando bloqueios^{S4A}. Uso também as infiltrações^{S5A} porque nessa categoria, independente da característica de cada jogadora, elas querem infiltrar^{S3A}, mas normalmente eu peço para as mais altas, um chute de mais distância, e para as mais rápidas fintarem bastante^{S3F}.

Categoria sub-14 (S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S3F, S4F, S5F, S8F, S1M, S5M)

DSC18: Primeiramente coloco eles de forma que ocorra amplitude e aprofundamento para que se possa circular melhor a bola dentro do ataque^{S5A}. É importante que o ataque entenda a necessidade do jogo de 9 metros e perceba o espaço, ocupe o espaço vazio para fazer com que a defesa adversária se desloque, abra espaço para o companheiro^{S1A,S2A,S3A,S4A,S5A,S4F}, ataque no espaço vazio^{S1M}, gere superioridade numérica^{S4F}, e encontre o melhor momento de chute para vencer os defensores^{S1A,S3A,S5A,S3F,S5A,S5F}. Para isso, tem que ter velocidade no passe^{S2A,S3F}, continuidade^{S1M}, deslocamentos^{S1A,S2A}, cruzamentos^{S5M,S1A,S4F}, circulação^{S5M,S4A,S4F} e trocas de posições^{S8F}. Individualmente seriam os fundamentos técnicos. Passe, controle de bola, finta, drible^{S5A}. Normalmente eu peço um chute fora^{S1A,S4A,S4F,S1M}, para as mais altas^{S3F} e fintas para as pontas^{S4F} e mais rápidas^{S3F}. Mas a grande dificuldade é a arremessar de longe, todas querem infiltrar^{S3A}. Depende um pouco também de como está o 6:0^{S5M,S8F}, se ele estiver muito baixo e não flutuando, nós indicamos à eles arremessaram a bola, nem que seja apoiado. Porque dessa forma a defesa vai ter que subir para bloquear o arremesso e vai sobrar mais espaços^{S8F}.

Categoria sub-16 (S1M, S2M, S3M, S5M, S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S6A, S1F, S2F, S6F)

DSC19: Eu sempre peço pra que eles trabalhem amplitude^{S5A} e aprofundamento^{S5A} com passes rápidos^{S3M,S2A}, com deslocamento^{S2A}, tomadas de decisão^{S2A}, com circulação^{S3M}, com trabalho bom de engajamento^{S3M,S5M,S5A,S2F}, continuidade^{S1M} para buscar sempre áreas com superioridade numérica^{S3M}, desdobramento para receber essas bolas da armação^{S3M}, cruzamento simples^{S5M,S1A}, cruzamento duplo^{S5M}, queda de segundo pivô^{S5M,S6F} e bloqueio do pivô^{S6F}, atacar as trajetórias de cada atacante nosso^{S5M}, cruzamento falso^{S5M}, atacar para fora do meia^{S5M}, criar diagonais com o central e preparar ações onde o ponta e o armador possam chutar^{S1A} ou para que tenha chutes de fora^{S1M,S6A,S2F}. Sempre com ocupações de espaços vazios para fazer com que a defesa do adversário se desloque e abre espaço para os nossos

atacantes^{S2A}. Peça para que eles trabalhem também com os pontas, pivô e central caso não tenham opção de chute^{S1A}. Sem bola eu peça para que eles ataquem^{S1M,S2M} e entrem nos espaços vazios^{S1M,S2M,S2A} para que sobre um jogador ou até mesmo abrir um espaço no centro para que ele bata de fora^{S2M}, para isso nós precisamos que os atacantes joguem com a cabeça erguida para que ele possa visualizar o espaço vazio^{S2A}. Tecnicamente eu quero que eles trabalhem passe, controle de bola, finta e drible para que consigam trabalhar dentro do jogo contra uma defesa fechada^{S5A}.

Categoria sub-18 (S1M, S6M, S1A, S2A, S4A, S6A, S2F, S7F)

DSC20: Nem sempre eles têm a qualidade técnica para o passe mais longo, recepção, trajetória e chute^{S1A}, então peça que aproximem da defesa, procurem e percebam um espaço livre para chute, de apoio ou com salto^{S1A,S4A,S6A,S2F,S7F}. Para isso eu peça que façam um jogo de amplitude^{S6M} e ataque no espaço vazio^{S3A,S4A,S6A,S6M,S2F,S1M}, desloquem a defesa^{S1A,S2A,S6A,S2F} e abram espaços^{S2A,S3A,S2F}. Caso não consigam a infiltração^{S6M}, peça que joguem com continuidade^{S1A,S4A,S6A,S6M,S1M} para os pontas^{S1A,S6A,S6M}, pivô^{S1A,S6M} ou para outro armador^{S1A}. Sem arremesso de longa distância^{S6M,S1M}. Peça para que isso tudo seja feito com velocidade no passe, deslocamentos^{S2A}, cruzamentos^{S7F}, tomadas de decisões^{S2A} e jogo com dois pivôs^{S4A,S6A,S7F}, principalmente usando o bloqueio deles^{S4A}. Outra forma de você trabalhar, são as inversões de bola de uma ponta para a outra ou de lateral oposto para ponta^{S7F}.

No Quadro 10 apresentam-se os comportamentos ofensivos esperados diante de sistemas defensivos abertos.

Quadro 10: DSC referentes aos comportamentos mediante sistemas defensivos abertos

Categoria sub-12 (S1M, S4M, S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S2F, S3F, S7F, S8F)

DSC21: Quando as defesas são mais abertas há a necessidade de leitura dela^{S4A}, para que haja uma maior percepção das possibilidades de jogo 1x1^{S1A}. Para superar esse tipo de defesa é necessário mobilidade^{S1A}, inteligência^{S1A}, jogo de desmarque^{S4A} em espaços mais curtos/menores^{S1A} e vazios^{S1M,S4M,S2A,S8F}, tabela rápida^{S1A}, ataque no espaço vazio^{S4A,S5A,S2F}, dar resposta ao ataque do companheiro^{S2A,S3A,S7F} para ter continuidade^{S2F} e jogo com o bloqueio do pivô^{S2A,S3A} que vai se deslocar^{S4M}. O que pode ajudar nesse caso é o uso das mudanças de sistema ofensivo com a circulação^{S4M}, os cruzamentos^{S1M,S4M} de lateral com central^{S1M} e lateral com ponta^{S4M}, ataque na diagonal^{S1M,S4M,S4A} e em diagonal^{S1A,S4A}, e mudanças de posições dos atacantes^{S4M,S2A,S8F}.

Categoria sub-14 (S1M, S5M, S1A, S2A, S4A, S5A, S2F, S3F, S4F, S5F, S7F, S8F)

DSC22: Contra defesa aberta meu time deve fazer a leitura da defesa^{S5M} para entender a vulnerabilidade do sistema^{S5A} e assim atacar com inteligência^{S1A}, perceber^{S1A} e enxergar os espaços^{S2F}. Os atacantes devem ter mobilidade^{S1A,S2A} para desmarcar^{S1A,S4A}, atacar no espaço vazio^{S1M,S2A,S3A,S4A,S8F} na diagonal^{S1M,S4A,S8F} e em direção ao gol^{S8F}, fazer tabela^{S1A,S5F}, dar a resposta^{S2A,S3A} e continuidade^{S2F} no engajamento^{S5M}, jogar com o pivô^{S1A,S3A,S4F}, bloquear^{S2A} e trocar de posição^{S2A,S8F} com cruzamentos^{S1M,S5M} e queda de segundo pivô^{S1M,S5M,S4F}. Tudo isso sendo feito com profundidade^{S2A} e amplitude^{S4A}.

Categoria sub-16 (S1M, S2M, S3M, S5M, S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S6A, S1F, S2F, S6F)

DSC23: Com defesas mais abertas há uma necessidade de leitura da defesa^{S5M}, inteligência e percepção^{S1A} das possibilidades de jogo 1x1^{S1A,S1F} utilizando a finta^{S1F} ou mobilidade^{S1A} no jogo de desmarque^{S1A,S4A,S1F} em espaços mais curtos/menores^{S1A} e vazios^{S1M,S1A,S2M,S2A,S3A,S4A,S5A,S1F,S2F,S6F}. O ataque contra essa defesa deve trabalhar sem a bola^{S6A,S1F,S2F}, com profundidade^{S1A,S4A} e amplitude^{S4A} e assim consiga bater de fora^{S2M} ou dos 6 metros^{S3M}, fazer uma tabela rápida^{S5M,S1F}, jogar com o pivô^{S3M,S5M,S6A} e atacar na diagonal^{S1M,S4A}, pegando a bola em movimento^{S1F} e dando resposta^{S2A,S3A} para entrar no espaço vazio^{S4A,S1F}. Os atacantes ainda podem utilizar a troca de posição^{S2A} com os cruzamentos^{S1M,S3M,S5M}, a mudança do sistema^{S5M,S3A,S1F,S6F} com a circulação e o desdobramento^{S1F}, engajamento^{S5M}, bloqueio^{S2A,S1F}, e o jogo com o sétimo jogador^{S1F}.

Categoria sub-18 (S1M, S6M, S1A, S2A, S4A, S6A, S2F, S7F)

DSC24: Com defesa aberta eu espero muita mobilidade^{S1A}, inteligência^{S1A} e percepção^{S1A}. Para gerarmos superioridade^{S6M,S2F}, peça que ataquem no espaço vazio^{S1M,S2A,S4A,S2F} dando resposta^{S2A,S3A} sem bola^{S6M,S1A,S3A} na diagonal^{S1M,S4A} e desmarcando^{S6M,S1A,S4A}, e quem está com a bola dê continuidade^{S1A}. Peça

também bastante desdobramento^{S6M,S7F} e circulação^{S1M,S6M} para fazer o sistema mudar^{S6M}, jogo com o pivô^{S1A,S3A}, bloqueio^{S2A}, e troca de posição^{S2A} com o cruzamento^{S1M,S4A}. Tudo isso sendo feito com profundidade^{S1A,S4A} e amplitude^{S4A}.

Nos discursos referentes ao ataque nas diferentes categorias, seja diante dos sistemas defensivos abertos (3:3, 3:2:1, 4:2, 5:1) ou do sistema defensivo fechado (6:0), destacaram-se alguns elementos em comum, assim como elementos exclusivos para cada sistema defensivo.

A seguir estão apresentados os apontamentos realizados pelos entrevistados buscando compreender como se dá o trabalho nas diferentes categorias diante dos diferentes contextos apresentados.

Comportamentos específicos mediante quaisquer sistemas defensivos (abertos e fechado)

Na Figura 10 estão apresentadas ações que os treinadores esperam que sejam executadas quando suas equipes enfrentam ambos os sistemas defensivos no handebol, nas diferentes categorias.

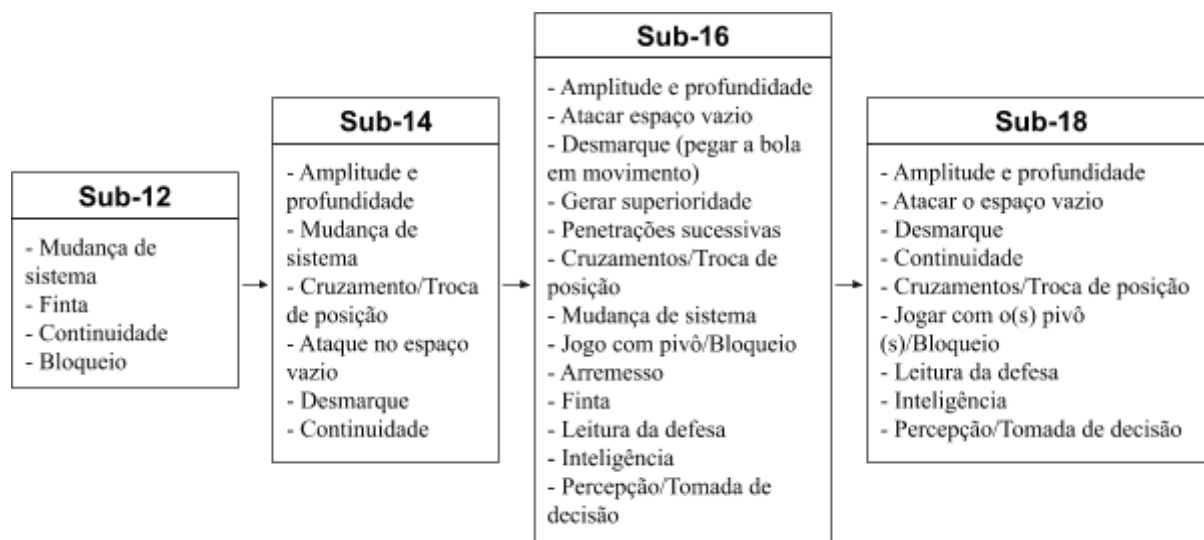


Figura 10: Comportamentos, esperados pelos treinadores, comuns entre os sistemas defensivos

Quando questionados a respeito do que os treinadores esperam de suas equipes, os discursos apontaram elementos em comum diante dos diferentes sistemas defensivos, porém com diferenças nos conteúdos entre as categorias.

Nos discursos referentes à categoria sub-12 (DSC17 e DSC21), foram encontrados aspectos em comum entre os sistemas defensivos, como a mudança de sistema defensivo, a

finta, a continuidade e o bloqueio.

Ao abordarem a mudança de sistema (a partir de ações de desdobramento e de circulação de jogadores) os discursos se referem ao deslocamento de um de seus atacantes que se posicionará de forma a alterar a organização ofensiva, passando do sistema clássico (3:3) para um sistema diferente do clássico (4:2 ou 2:4).

Os sistemas ofensivos 4:2 e 2:4 possuem sua estrutura específica mas podem ocorrer devido a transformação do sistema ofensivo clássico, por meio do deslocamento de um dos armadores (desdobramento) ou de um dos pontas (circulação) para a posição de pivô (MENEZES, 2011). A necessidade de se utilizar um sistema ofensivo que posicione dois pivôs pode ser proveniente do fato desses jogadores estarem posicionados mais próximos ao gol e os arremessos realizados dessas regiões serem mais eficazes (LOZANO; CAMERINO; HILENO, 2016).

Para os mais jovens (sub-12), os discursos enfatizaram o uso da finta⁴ contra ambos os sistemas defensivos. Esse meio técnico-tático individual consiste em uma mudança de direção na trajetória do atacante para que ele vença o defensor e com isso gere uma situação de superioridade numérica (MENEZES, 2011).

O uso da finta pode estar ligado com a ideia de continuidade exposta pelos treinadores para a categoria sub-12. Ao gerar uma superioridade numérica a partir da finta, os treinadores apontam a questão de continuidade como a tomada de decisão do atacante em passar a bola para um possível companheiro com uma melhor possibilidade de realizar um arremesso.

Essa ideia nos remete às ações de fixação e de penetrações sucessivas (ou engajamento). A fixação é um meio técnico-tático no qual o atacante busca atrair e fixar o defensor em uma região da quadra gerando um espaço para que, tendo uma continuidade do jogo, seu companheiro possa desmarcar-se e obter uma superioridade numérica diante da defesa (MENEZES, 2011). Por sua vez, as penetrações sucessivas são decorrentes de fixações seguidas, nas quais os atacantes que buscam as situações favoráveis (superioridade numérica) para o arremesso ou para a infiltração dos atacantes (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999).

Concomitantemente à essas ações, os treinadores esperam que na categoria sub-12 os seus jogadores utilizem-se dos bloqueios. O bloqueio é um meio técnico-tático coletivo no

⁴ Meio técnico-tática em que o jogador que possui a bola muda de direção durante seu deslocamento para que possa superar o defensor adversário e com isso gerar uma situação de superioridade numérica ao ataque (MENEZES, 2011).

qual um dos jogadores (normalmente o pivô) posiciona-se de forma a interromper a trajetória do defensor e com isso gerar uma possibilidade para que o atacante direto possa se desmarcar para receber a bola ou arremessar a gol (MENEZES, 2011).

Os entrevistados nesta pesquisa expressaram opiniões, relacionadas à categoria sub-12, diferentes das encontradas por Menezes, Marques e Morato (2016), onde treinadores experientes demonstraram preocupação na execução de elementos técnicos ao invés da execução de ações combinadas para que o ataque se sobreponha à defesa adversária.

Nos discursos referentes à categoria sub-14 (DSC18 e DSC22) foram mantidas os conceitos de mudança do sistema ofensivo e de fixação visando à continuidade do jogo ofensivo, no entanto o tipo de fixação do defensor adversário pode ser diferente (baseando-se no modelo de jogo do treinador). Além do que já havia sido apontado na categoria sub-12, foram mencionados elementos referentes às trocas de postos específicos, aos cruzamentos, ao posicionamento dos jogadores no decorrer da sequência ofensiva e ao desmarque.

A partir dessa categoria, os cruzamentos e as trocas de postos específicos são ressaltados para o ataque diante dos sistemas defensivos abertos e fechado, contrapondo o contexto relatado na categoria sub-12, em que os treinadores destacam essas ações apenas ao enfrentarem os sistemas defensivos abertos. Devido ao tempo de vivência dos jogadores pode ser maior na categoria sub-14, os defensores tendem a antecipar com mais facilidade as ações ofensivas (MATIAS; GRECO, 2010), por isso a utilização desses meios técnico-táticos coletivos pode estar relacionada com a necessidade de desestruturar o sistema defensivo adversário.

Apesar da ideia de fixação e de continuidade de jogo surgirem nas categorias sub-12 e sub-14, do DSC18 ao DSC20 e do DSC22 ao DSC24 enfatizou-se para as categorias sub-14, sub-16 e sub-18, o ataque no espaço vazio ou fixação par-ímpar e a necessidade dos atacantes se desmarcarem.

Quanto à organização do ataque contra ambos os sistemas defensivos na categoria sub-14, os treinadores entrevistados esperam que o ataque de suas equipes se organize com amplitude e profundidade, o que corrobora os preceitos apresentados por Fernández Romero et al. (1999) e Garganta (1998), ao mencionarem a distribuição dos jogadores nos sistemas ofensivos para ocupar o maior espaço possível na quadra nesses dois sentidos.

Para a categoria sub-16 o DSC19 e o DSC23 retomam, mediante ambos os sistemas defensivos, as ideias de cruzamentos, trocas de postos específicos, mudança de sistema

ofensivo (quando necessário), fintas, bloqueios (principalmente pelos pivôs, para os arremessos sejam realizados com melhores condições), organização com amplitude e profundidade.

Além desses elementos, foi abordada novamente a questão da fixação par-ímpar com a progressão (citado como pegar a bola em movimento), o que remete ao conceito de penetrações sucessivas, para que o jogador em posse da bola tente provocar uma situação de superioridade ao companheiro.

Foram ainda apontados elementos diferentes das categorias mais jovens, quando comparadas à sub-16, como a capacidade de realizar a leitura da defesa adversária e a tomada de decisão correta para que se possa concluir as sequências ofensivas da melhor maneira. Essa exigência pode se dar devido ao tempo de prática fazer com que os jogadores tenham uma maior vivência e experiência no handebol (MATIAS; GRECO, 2010), e consequentemente, existindo uma maior exigência por parte dos treinadores a partir dessa faixa etária (MENEZES; REIS; TOURINHO, 2015), junto com a expectativa de que os atletas solucionem os problemas apresentados com um maior senso crítico (LEONARDO; SCAGLIA; REVERDITO, 2009).

Apesar de ressaltar a necessidade de tomadas de decisões adequadas para cada situação, os treinadores expressaram uma fragmentação dos conteúdos apresentados nas categorias sub-12 e sub-14, para que posteriormente (sub-16 e sub-18) apresente-se o jogo como um todo. Essas ideias não corroboram com os apontamentos feitos no estudo de Scaglia et al. (2013), que mostra a necessidade da realização de um trabalho que estimule a compreensão geral do jogo nas categorias mais jovens para que essa sirva como base aos conhecimentos específicos nas categorias mais experientes.

Assim como na categoria sub-16, os treinadores enfatizaram na categoria sub-18 (DSC20 e DSC24) os cruzamentos, as trocas de posição, os bloqueios, a leitura do jogo para que se possa tomar decisões adequadas em cada momento e o posicionamento dos atacantes para que haja amplitude e profundidade também foram citados pelos treinadores para os momentos em que enfrentam defesas fechadas e abertas.

Comportamentos ofensivos específicos mediante sistema defensivo fechado

Nas respostas dos treinadores foi possível identificar comportamentos específicos

quando suas equipes enfrentam o sistema defensivo fechado (6:0). Na Figura 11 estão apresentados os elementos esperados contra essa defesa ao longo das categorias.

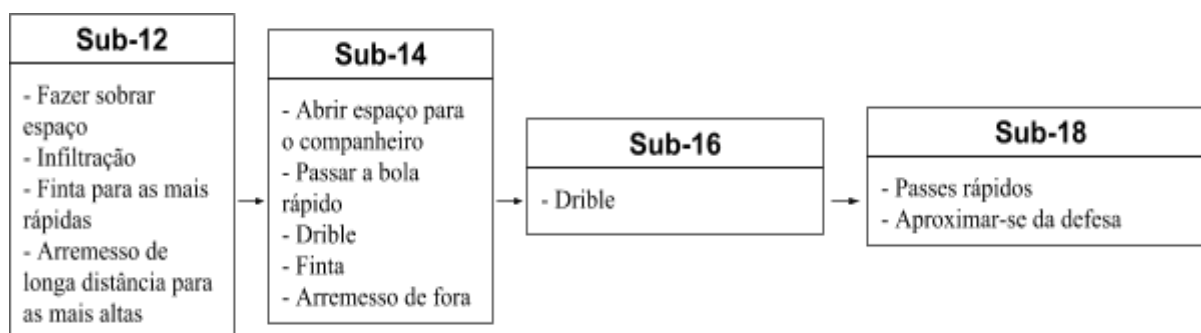


Figura 11: Comportamentos, esperados pelos treinadores, diante do sistema defensivo fechado

Ao analisarmos o que os treinadores esperam de suas equipes quando enfrentam o sistema defensivo fechado (6:0) nota-se uma progressão nos comportamentos solicitados. Nas categorias mais jovens (sub-12 e sub-14) os conteúdos são mais específicos para cada sistema defensivo, porém nas categorias sub-16 e sub-18 os treinadores não delimitam os meios técnico-táticos que desejam que seus jogadores utilizem, possibilitando diversas formas de se solucionar as situações-problema independentemente da defesa adversária.

Na categoria sub-12 (DSC17 e DSC21), ao enfrentarem um sistema defensivo fechado, os discursos apontaram que os jogadores devem utilizar-se dos meios técnico-táticos comuns aos sistemas defensivos como o bloqueio, a finta e a continuidade para que proporcionem ao companheiro uma situação vantajosa e com isso possam realizar a infiltração na defesa.

Espera-se também que os atacantes utilizem suas possíveis vantagens provenientes dos aspectos antropométricos para que obtenham êxito em suas ações. Essa questão pode ser observada no discurso relacionado à categoria sub-12 onde é citado que espera-se o uso dos arremessos de média e longa distância para os jogadores mais altos e das fintas para os mais baixos. Esses apontamentos demonstram uma preocupação em ensinar que os jogadores respondam às situações do jogo conforme seu estereótipo, ao invés de incentivar que estes encontrem uma melhor forma de responderem a cada uma das situações, e com isso pode-se levar os praticantes à um processo de especialização precoce (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014).

Assim como na categoria sub-12, na sub-14 (DSC18 e DSC22) são esperadas ações esperadas que provoquem dúvidas nos defensores e, assim, produza espaços para que o

companheiro, a partir de uma rápida circulação de bola, realize uma finta e/ou um arremesso. Na categoria sub-14, apesar dos discursos destacarem novamente as fintas e arremessos, as vantagens relacionadas às questões antropométricas não são mencionadas.

A necessidade de um passe mais rápido pode estar relacionado aos jogadores, no sistema defensivo fechado, posicionarem-se mais próximos à área, encurtando as distâncias entre eles e, conseqüentemente, proporcionem menos espaços para os atacantes realizarem infiltrações e progressões (MENEZES, 2011). Apesar do ganho de amplitude proporcionada pela disposição espacial dos jogadores no sistema defensivo 6:0, há uma perda de profundidade (que pode ser minimizada a partir de meios técnico-táticos como a flutuação e a dissuasão), contexto que pode ser aproveitado por jogadores com melhores aproveitamentos nos arremessos de média e longa distâncias.

O único elemento que os treinadores esperam que seja executado, junto aos já apresentados na categoria sub-16 (DSC19 e DSC23), especificamente contra a defesa 6:0 foi o drible. Segundo Oliver Coronado e González (1996) os jogadores devem saber utilizar desse fundamento, porém devem saber o momento de realizar esta ação já que em alguns momentos o uso excessivo pode não colaborar para a resolução da situação-problema (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999) e diminuir a velocidade de encadeamento das ações ofensivas.

Sabe-se que o sistema defensivo fechado tem como uma de suas características a disposição dos defensores em um única linha, o que diminui a distância entre estes e ocasione uma maior dificuldade para que os atacante realizem a penetração (MENEZES, 2011). O fato de se esperar que o drible seja utilizado no enfrentamento desse sistema pode demonstrar uma falta de compreensão conceitual, já que o uso deste meio técnico-tático pode retardar ainda mais as ações dos atacantes e, conseqüentemente, dificultar a obtenção de êxito ofensivo nesta situação.

Na categoria sub-18 (DSC20 e DSC24) a necessidade de um ataque com passes mais rápidos (assim como apresentado na categoria sub-14) contra a defesa 6:0 foi reforçada, junto com a questão do posicionamento dos jogadores mais próximos à defesa, que não ocorreu nas demais categorias. Essa disposição dos jogadores contra este sistema defensivo pode ter sido destacado pelo fato de os defensores posicionarem-se mais próximos à área (MENEZES, 2011), o que permite aos atacantes executarem suas ações mais próximos ao alvo.

A retomada desses elementos nesta categoria pode se dar pelo fato de os treinadores

terem a intenção de que essa forma de jogo específica contra cada situação apresentada pelo jogo seja consolidada, por entenderem ser ideal se especializar e aproximar os jogadores do que é realizado na categoria adulta (MENEZES et al., 2018), quando a utilização do sistema defensivo 6:0 é comum.

Ataque contra sistemas defensivos abertos

Segundo os discursos, o enfrentamento dos sistemas defensivos abertos (5:1, 4:2, 3:3, 3:2:1) também possui suas particularidades. O que é esperado por eles diante defesas organizadas em duas ou mais linhas está apresentado na Figura 12.

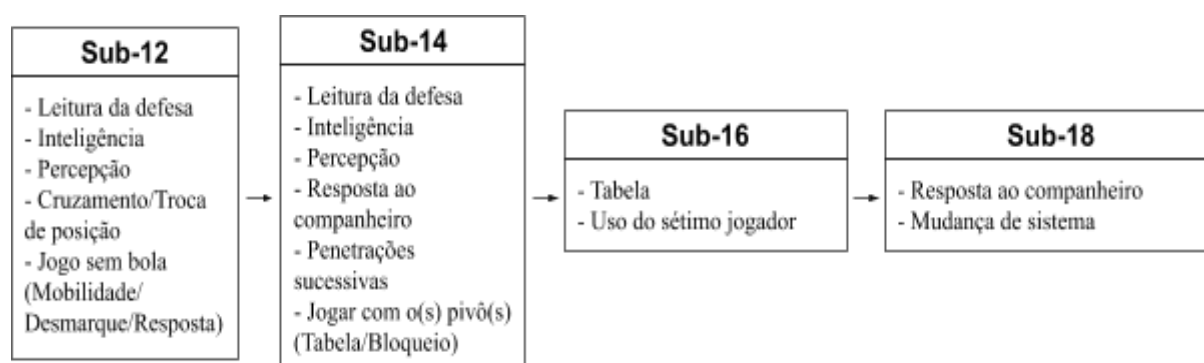


Figura 12: Comportamentos, esperados pelos treinadores, diante dos sistemas defensivos abertos

Da mesma forma que no sistema defensivo fechado, diante dos sistemas defensivos abertos notou-se uma diferenciação nos conteúdos esperados pelos entrevistados. Os elementos em comum entre as defesas são utilizados como uma base para o enfrentamento de ambas as situações encontradas pelo ataque, mas os treinadores aparentam especificar/detalhar mais os conteúdos nas categorias sub-12 e sub-14, ao passo que os generalizam para as categorias sub-16 e sub-18.

Ao questionar-se sobre os sistemas defensivos abertos na categoria sub-12 (DSC17 e DSC21), identificou-se por parte dos treinadores a exigência de que seus jogadores tenham um maior senso crítico diante para que junto da utilização de meios técnico-táticos coletivos e individuais possam solucionar as situações-problema apresentadas pelo jogo.

Em algumas competições para a categoria sub-12 existe a obrigatoriedade da marcação individual em pelo menos um dos períodos, essa exigência pode enfatizar o uso de alguns elementos específicos (MENEZES; MARQUES; MORATO, 2016) e pode fazer com que alguns comportamentos ofensivos esperados pelos treinadores estejam relacionados à

forma em que a defesa adversária se posiciona e age.

Diante dessa situação, enfatizou-se a questão da observação dos comportamentos dos defensores, a percepção da situação e o uso da inteligência para tomarem as melhores decisões. Todos esses elementos são descritos por Matias e Greco (2010) ao afirmarem que percepção, inteligência e tomada de decisão podem auxiliar o jogador na compreensão do ambiente para que, dessa forma, possa avaliar a situação e responder às demandas específicas.

Como forma de melhor responder ao contexto das defesas abertas, os treinadores acreditam que além da fixação do adversário junto com a continuidade do ataque (elementos apontados em comum entre as defesas), as trocas de postos específicos, os cruzamentos e a capacidade de orientar-se nos espaços e oferecer-se, são formas de obter vantagens mediante a defesa na categoria sub-12. As trocas de postos específicos e os cruzamentos são importantes para o jogo coletivo, uma vez que visam a mudança dos jogadores de seus postos específicos para que aconteça um erro defensivo e, com isso, os atacantes possam usufruir desse momento de instabilidade (MENEZES, 2011).

Já a capacidade de orientar-se e oferecer-se consiste no jogador sem a posse de bola movimentar-se para criar linhas de passe e com isso gerar possibilidades de colaborar com o companheiro que está com a posse da bola (SILVA; GRECO, 2009).

Nos discursos essa capacidade expressa-se como o desmarque e a resposta à ação do companheiro com bola, a qual associa-se especificamente no handebol pela necessidade dos atacantes de ocuparem os espaços efetivos da quadra e de livrarem-se do marcador direto para participar da manutenção da posse de bola e/ou da progressão em direção ao alvo (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999).

Na categoria sub-14 o DSC18 e o DSC22 mostraram novamente uma preocupação com a compreensão das situações expostas e com a adaptação das respostas apresentadas pelos atacantes ao contexto do jogo. Assim como para os mais jovens, também foi apontada a necessidade do jogo sem a bola (resposta ao companheiro), destacando o desmarque.

Para que se possa obter vantagem diante desses sistemas defensivos foi destacada a importância da participação coletiva dos jogadores levando à ideia das penetrações sucessivas. Como apresentado anteriormente, esse meio técnico-tático busca uma melhor situação para conclusão das sequências ofensivas por meio das fixações e da continuidade junto ao desmarque dos companheiros (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999), o que reforça

a necessidade do jogo sem bola.

O uso do(s) pivô(s) (dependendo do sistema ofensivo utilizado) também mostrou-se importante diante dos sistemas defensivos aberto para auxiliar os companheiros nas situações de desmarque por meio dos bloqueios. Tanto nos discursos relacionados à categoria sub-12 (DSC17 e DSC21), quanto à categoria sub-14 (DSC18 e DSC22) o bloqueio foi destacado para que o pivô auxilie os companheiros em situações de desmarque ou de arremesso.

Além disso, nas categorias sub-14 e sub-16, os discursos apresentam o uso da tabela. A tabela (ou passa e vai) é um meio técnico-tático onde o jogador com a posse dessa realiza um passe para um companheiro e, em seguida, se desmarca para receber a bola novamente em uma condição de vantagem diante de seu defensor (MENEZES, 2011). A necessidade dessa utilização diante de sistemas defensivos abertos reforça a importância das ações dos jogadores sem a posse da bola, principalmente do pivô, em situações de pressão, além da necessidade de que todos os jogadores tenham uma visão de jogo ampla.

Nos discursos relacionados à categoria sub-16 (DSC19 e DSC23) apontou-se além do uso das tabelas, a utilização do sétimo jogador como estratégia para que o ataque se sobreponha à defesa.

O goleiro-linha ou sétimo jogador é uma estratégia que vem sendo utilizada com maior frequência devido à uma alteração na regra do handebol na qual a equipe pode substituir o goleiro por qualquer jogador de linha (sem que este esteja utilizando uniforme de goleiro) em situações ofensivas para atacar com sete jogadores (MUSA et al., 2017). Apesar da utilização dessa estratégia, ao analisar jogos das fases finais do Campeonato Europeu de Handebol de 2016, Musa et al. (2017) apontaram que o uso dessa estratégia não proporcionou situações favoráveis às equipes de alto nível que a utilizaram.

Por fim, na categoria sub-18 (DSC20 e DSC24), os treinadores retomam a ideia de que os jogadores devem se movimentar sem bola e mudar o sistema ofensivo (apresentada nas categorias sub-12, sub-14 e sub-16) quando enfrentam um sistema defensivo aberto. Com isso, observa-se que contra sistemas defensivos abertos há a necessidade de que os jogadores sem a posse da bola apresentem-se aos companheiros com a posse da bola para que gerem situações favoráveis e/ou mudem os sistemas utilizados durante o ataque para que causem desequilíbrio na defesa adversária.

Métodos de Ensino-Aprendizagem-Treinamento

Após responderem a respeito do que exigem ofensivamente de suas equipes, os treinadores foram questionados sobre os métodos de ensino que utilizam para a abordagem dos conteúdos exigidos. No Quadro 11 estão apresentados os discursos referentes à como os treinadores ensinam os conteúdos esperados, em todas as categorias, quando enfrentam o sistema defensivo fechado (3:3).

Quadro 11: DSC referentes aos métodos de ensino mediante sistema defensivo fechado

<p>Categoria sub-12 (S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S1M, S3F)</p> <p>DSC25: Normalmente no treinamento, esse jogador que é o chutador só pode fazer gol depois que algum outro companheiro faz. Pra isso a gente incentiva ele a ir para cima e não só passar para o companheiro fazer o gol, mas fazer dois defensores marcá-lo e soltar a bola^{S1M}. Quando estamos treinando o 6:0, colocamos as defesas estáticas com os atacantes em posições determinadas e eles têm que atacar entre os defensores. Treinamos tudo estaticamente, para somente depois trabalhar em movimento sem bola, e depois em movimento com bola aumentando sempre a velocidade^{S2A}. Depois em movimento, a gente treina muito ataque contra defesa com superioridade ou até em igualdade^{S1M,S4A} para que tenha continuidade e chute^{S1M}, enquanto do outro lado da quadra os pontas fazem arremessos^{S4A}. Divido o trabalho também por setores e depois vou agrupando^{S5A}.</p>
<p>Categoria sub-14 (S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S3F, S4F, S5F, S8F, S1M, S5M)</p> <p>DSC26: Individualmente, eu treino situações que o central tenha que tomar decisões para chutar a bola, percebendo o defensor com o braço baixo, e se deslocar^{S1A}. No coletivo, eu trabalho do simples para o mais complexo. Primeiro por setor e depois vou agrupando até formar toda a defesa^{S5A}. Então, colocamos primeiro os defensores estáticos para que os atacantes entrem nos espaços entre eles sucessivamente^{S2A}, e o pivô posicionado em um determinado lugar para que possa receber um passe ou fazer um bloqueio para a entrada no meio^{S2A}. Depois trabalhamos em movimento, sem bola e por fim, em movimento com bola, sempre aumentando a velocidade^{S2A} e a ofensividade do ataque^{S1M}. Fazemos também ataque contra defesa com diferentes relações numéricas^{S4A,S4F,S1M} ou até mesmo em igualdade numérica^{S1M}, de um lado da quadra, enquanto do outro lado os pontas ficam fazendo arremesso^{S4A}. Faço também treinos individuais como saltos, circuitos com saltos, apoio e técnicas com a finalidade de conseguirem arremessar de médias e longas distâncias^{SF5}.</p>
<p>Categoria sub-16 (S1M, S2M, S3M, S5M, S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S6A, S1F, S2F, S6F)</p> <p>DSC27: Eu procuro treinar situações de jogo^{S1M,S2M,S4A,S5A,S1F,S6F} com inferioridade, igualdade ou superioridade na defesa para o ataque se movimentar^{S6F} das mais simples para as mais complexas^{S5A} do central chutar bolas de apoio^{S1A,S1F}, chute rápido com salvo^{S1A}, chute de fora^{S4A,S1F} e chute das pontas^{S6A}, de ter a percepção do defensor com o braço baixo^{S1A}, de fazer deslocamento^{S1A} e não ter ação defensiva de controle de bloqueio^{S1A} e a ofensividade do ataque^{S1M}. Eu trabalho muito estaticamente^{S2A} e depois com bola^{S2A}, com engajamento^{S2A,S3M,S6A} e continuidade^{S4A,S6A} para abrir^{S3A,S6A} e atacar^{S4A,S1F} no espaço, fixação^{S2A,S3M,S3A}, trabalho com o pivô^{S2A,S4A,S1F} seja de 2x2 ou bloqueio^{S1F}, circulação de ponta^{S2A,S4A,S6A}, desdobramentos^{S4A,S6A}, mudança de trajetória com e sem a bola^{S6A} e troca de posições^{S1F} através de cruzamentos e permutas^{S1F} principalmente no 6:0, justamente para buscar o ataque no intervalo dos jogadores.</p>
<p>Categoria sub-18 (S1M, S6M, S1A, S2A, S3A, S4A, S6A, S2F, S7F)</p> <p>DSC28: Primeiramente colocamos as defesas estáticas com os atacantes em posições determinadas e eles têm que atacar entre os defensores sucessivamente, enquanto o pivô tem que ficar posicionado para que possa receber um passe ou fazer um bloqueio^{S2A}. Treinamos tudo estaticamente, depois em movimento sem bola e por fim, em movimento com bola aumentando a velocidade^{S2A} e a ofensividade do ataque^{S1M}.</p>

Daí eu trabalho com situações de jogo com diferentes relações numéricas^{S4A,S1M,S6M} ou até mesmo em igualdade^{S1M} e em diferentes posições da quadra^{S4A,S6M} para que eles entendam “Se eu consegui ter superioridade nesse bloco, eu vou ter no próximo bloco”^{S6M}. Além disso, eu treino situações do central deslocar e chutar quando perceber o defensor com o braço baixo ou sem ação defensiva^{S1A}.

No Quadro 12 estão apresentados os discursos referentes à como os treinadores ensinam os conteúdos esperados, em todas as categorias, quando enfrentam os sistemas defensivos abertos (3:3, 4:2, 5:1, 3:2:1).

Quadro 12: DSC referentes aos métodos de ensino mediante sistemas defensivos abertos

<p>Categoria sub-12 (S1M, S4M, S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S2F, S3F, S7F, S8F) DSC29: Eu ensino tudo em situação de jogo 4x4, 3x3, 2x1^{S4M,S2F}, a gente divide com cone e jogo do meio até a lateral da quadra usando os dois lados da quadra. Se eles começam a fugir muito do espaço do defensor, a gente coloca cones para delimitar o espaço^{S4M}.</p>
<p>Categoria sub-14 (S1M, S5M, S1A, S2A, S4A, S5A, S2F, S3F, S4F, S5F, S7F, S8F) DSC30: O treino acontece em situações de jogo^{S1M,S4F} em meia quadra com a delimitação de cones^{S1M}. Trabalho um pouco das movimentações do jogo^{S4F}, todo mundo passando em todas as posições, jogos de 1x1 e passe e corre^{S5F}.</p>
<p>Categoria sub-16 (S1M, S2M, S3M, S5M, S1A, S2A, S3A, S4A, S5A, S6A, S1F, S2F, S6F) DSC31: Trabalhamos isso, delimitando a quadra com cones para não perder a qualidade do passe^{S1M}, fintas^{S3M}, explorando a vulnerabilidade de cada defesa^{S5A}, a ação sem bola^{S6A} e a troca de linhas^{S6A}. Ensino tudo em situações de jogo^{S1M,S2M,S6F} com defesa posicionada primeiro e depois a defesa atuando^{S2F} em meia quadra e fazermos a porteira dividimos em cones e utilizamos as extremidades da quadra. Se os jogadores fugirem, colocamos outra porteira de cone, deixamos um bom espaço para não termos problema com a qualidade no passe^{S1M}. Além disso, jogos de passe, jogos de ocupação de espaço, jogos de disputa de espaço e da bola, são jogos interessantes^{S1F}.</p>
<p>Categoria sub-18 (S1M, S6M, S1A, S2A, S4A, S6A, S2F, S7F) DSC32: Ensino tudo em situações de jogo 4x4, 3x3^{S1M}, posicionada e depois com defesa^{S2F} em meia quadra colocando cones para delimitar a quadra e não perder a qualidade do passe^{S1M}. Ensino que as respostas de uma defesa aberta são diferentes de uma defesa fechada^{S7F}.</p>

Quanto aos métodos de ensino utilizados, encontrou-se em todas as categorias uma ênfase ao método situacional. O aprimoramento da execução dos movimentos também foi citado (cuja alusão é dada ao método analítico-sintético), principalmente ao treinarem situações voltadas para o enfrentamento do sistema defensivo fechado (DSC25 ao DSC28). Diante dos sistemas defensivos abertos (DSC29 ao DSC32) foi mencionado apenas o uso do método situacional e, na categoria sub-16 (DSC31), do método global-funcional.

Assim como nos treinamentos voltados para atuação defensiva apontou-se que o método situacional é o mais utilizado nos treinamentos da fase ofensiva. Ao citarem o trabalho por meio de situações específicas reduzidas do jogo e que exigem adaptação e

resposta por parte dos jogadores, notou-se uma preocupação em proporcionar aos aprendizes uma vivência mais voltada para a prática do handebol.

Para os treinadores, o trabalho realizado para se enfrentar o sistema defensivo fechado deve pautar-se nas situações específicas do jogo, porém deve-se dar atenção à progressão na dificuldade e à fragmentação das atividades realizadas. Essa forma de trabalho demonstra a preocupação em ensinar os jogadores a executar os movimentos para que depois possam jogar, o que se aproxima novamente das etapas, sugeridas por Teoldo et al. (2010), de desenvolvimento do pensamento estratégico e das tomadas de decisões dentro do contexto específico do handebol.

Apenas na categoria sub-16 e contra o sistema defensivo aberto, os discursos citaram o uso do método global. Não foi citado o motivo da utilização dessa forma de trabalho, mas possivelmente se relacione à intenção de estimular a vivência da complexidade dos jogos para o handebol, de forma que seus jogadores possam responder às situações apresentadas durante as partidas (LEONARDO; SCAGLIA; REVERDITO, 2009).

O ensino pautado em jogos leva em consideração as diferentes relações entre os participantes e direciona os aprendizes a responderem às situações apresentadas pelo jogo diante da complexidade (GALATTI et al., 2017). Apesar disso, as opiniões dos treinadores direcionaram-se com mais frequência para um trabalho tecnicista, no qual esses fragmentam e simplificam as ações como forma de se introduzir o handebol.

Segundo Ehret et al. (2002) as ações executadas pelos jogadores devem ser enfatizadas de forma ampla para que a compreensão do jogo seja favorecida e se estabeleça como arcabouço motor e cognitivo para as futuras demandas encontradas por eles durante a prática. Ao citarem, prioritariamente, os métodos situacional e analítico-sintético em seus treinamentos, os entrevistados expressam a intenção de partir de ações específicas do handebol de maneira simplificada e delimitada, para que depois trabalhasse com toda a complexidade possível de cada uma das situações.

Em contrapartida, com essa escolha busca-se a prática de uma maneira específica, a qual pode levar o aprendiz a tomar decisões pré-estabelecidas (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014), caso este não tenha tido acesso a conteúdos relacionados às formas e estruturas do jogo (TEOLDO et al., 2010), e conseqüentemente, à especialização esportiva precoce (COTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Conclusão

Para o jogo defensivo pode-se identificar poucas diferenças quanto ao que espera-se que seja executado coletivamente e na maneira em que são realizados os trabalhos entre as categorias de base do handebol no estado São Paulo. Já as ações individuais e as questões relacionadas ao modelo de jogo são diferentes em cada categoria e em cada situação do jogo.

Entende-se que são esperadas as execuções das mesmas ações defensivas independentemente do sistema ofensivo utilizado pelo adversário, exceto pela necessidade de uma maior preocupação com os pivôs devido ao aumento da probabilidade de que esse jogador mais próximo do alvo receba a bola.

Nos discursos nota-se o conhecimento e a preocupação de que o processo maturacional e o tempo de vivência são influentes na prática no decorrer das diferentes categorias, o que corrobora com os apontamentos encontrados na literatura (Ré et al., 2005; MENEZES; REIS; TOURINHO FILHO, 2015; MENEZES et al., 2018).

Scaglia et al. (2013) mostram a necessidade de que haja uma compreensão geral do jogo nas categorias mais novas, fazendo com que as experiências sirvam de base para as demais. Apesar da preocupação com o processo maturacional nas expectativas dos treinadores das categorias de base, os métodos utilizados não diferem mediante à idade dos jogadores. Os discursos apontaram um trabalho pautado em atividades fragmentadas e específicas do handebol, que buscam simplificar as situações do jogo para os jogadores em todas as categorias.

Segundo Scaglia et al. (2013) há uma necessidade de diferenciação dos estímulos apresentados aos jogadores das distintas categorias devido às particularidades de cada idade, além do trabalho realizado de forma específica pode direcionar os praticantes para uma aprendizagem padronizada, e com isso levar à especialização esportiva precoce (COTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Para que se atenda às demandas de cada uma das etapas de formação esportiva e permitindo a resolução crítica dos problemas impostos, sugere-se a incorporação de trabalhos pautados nas demandas de cada faixa etária e que condizem com a compreensão individual do jogo.

Nos discursos analisados referente ao ataque foi possível encontrar diferenças entre os

conteúdos esperados pelos treinadores conforme os jogadores avançam nas categorias. Notou-se uma especificação das ações diante dos diferentes sistemas defensivos nas categorias mais jovens, e uma generalização para as mais velhas. Identificou-se também que o sistema ofensivo 3:3 é um sistema mais utilizado pelas equipes, fazendo com que os treinadores tratem desse como algo mais tradicional.

Os entrevistados esperam que suas equipes realizem ações específicas devido à pouca experiência e vivência no handebol (sub-12 e sub-14), e conforme aumentam o tempo de prática (sub-16 e sub-18) esperam que seus jogadores saibam diferenciar as situações e agir de acordo com as exigências de cada contexto.

A necessidade de simplificar o que se apresenta às categorias mais jovens vai ao encontro da forma em que os treinadores apresentam os conteúdos nos treinamentos. Os métodos de ensino mais citados nos discursos foram o situacional e o analítico-sintético com a ideia de isolar determinadas situações, e restringir a prática às situações recorrentes, especificamente, no handebol.

O uso de métodos que aproximam o treinamento à uma modalidade esportiva específica, pode fazer com que os jogadores respondam às situações de uma forma padronizada e sem que consigam se adaptar caso necessário, uma vez que a resolução de problemas de uma forma crítica e a compreensão do jogo de uma maneira ampla, são pouco estimuladas.

Deve-se, portanto, levar em consideração o processo de desenvolvimento dos jogadores, respeitando as características específicas de cada faixa etária e a compreensão que cada um possui do jogo. Em geral, notou-se que nas categorias de base do handebol são esperados conteúdos que levam em consideração o processo maturacional dos aprendizes, porém observa-se a tendência de que o trabalho realizado focado especificamente em atividades pautadas nas ações específicas do jogo, que podem não permitir ao praticante compreender a complexidade desse de uma forma geral, principalmente nas categorias mais novas.

Portanto sugere-se que o trabalho com as categorias de base, principalmente para os que possuem menos tempo de prática, seja baseado nas diferentes interações, na complexidade apresentada pelo jogo e nas etapas de aprendizagem, para que se estimule a adaptação e resolução das situações de forma crítica, além de considerar as demandas de cada um e de cada contexto.

Referências

- AGUILAR, O.C.. Análisis de la producción científica en balonmano en las revistas de la Web of Science. **E-balonmano.com: Journal of Sport Science**, v.10, n.2, p.77-88, 2014.
- ANNERSTEDT, C.; LINDGREN, E.C. Caring as an important foundation in coaching for social sustainability: a case study of a successful Swedish coach in high-performance sport. **Reflective Practice**, v.15, n.1, p.27-39, 2014.
- Bayer C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivros, 1994.
- BORMANN, K. et al. Athlete characteristics and team competitive performance as moderators for the relationship between coach transformational leadership and athlete performance. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v.38, p.268-281, 2016.
- BRASIL. (1998). Lei no 9.696, de 1 de setembro de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 2 set. 1998 . Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19696.htm
- CALPE-GOMEZ, V.; LUJAN GUZMAN, J.F.; GRIJALBO SANTAMARIA, C. Relationship between score and coaches' verbal behaviour. **Journal of Human Sport and Exercise**, v.8, n.3, p.S728-S737, 2013.
- CASARIN, R. et al. Modelo de jogo e processo de ensino no futebol: princípios globais e específicos. **Movimento**, v.17, n.3, 133-152, 2011.
- COTE J.; BAKER J.; ABERNETHY B. **Practice and play in the development of sport expertise**. In: Eklund R, Tenenbaum G, editors. *Handbook of sport psychology*. Hoboken: Wiley, p.184-202, 2007.
- COUTINHO, N.; SILVA, S. Conhecimento e aplicações de métodos de ensino para os Jogos Esportivos Coletivos na formação profissional em educação física. **Movimento**, v.15, n.1, p.117-144, jan./mar., 2009.
- CUNHA, A.F.; ESTRIGA, M.L.; BATISTA, P. M.. Sources of knowledge perceived by coaches: a study with handball coaches of Portugal's 1st league male teams. **Movimento**, v.20, n.3, p.917-938, jul./set., 2014.
- CUSHION, C.; ARMOUR, K.; JONES, R. Coach education and continuing professional development: Experience and learning to coach. **Quest**, v.55, p.215- 230, 2003.
- DEBANNE, T. Techniques used by coaches to influence referees in professional team handball. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v.9, n.3, p.433-446, 2014.
- DEBANNE, T.; ANGEL, V.; FONTAYNE, P. Decision-making during games by professional handball coaches using regulatory focus theory. **Journal of Applied Sport Psychology**, v.26, p.111-124, 2014.

DEBANNE, T.; FONTAYNE, P. A study of successful experienced elite handball coach's cognitive processes in competition situations. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v.4, n.1, p.1-16, 2009.

DEBANNE, T.; FONTAYNE, P. Communication from professional coaches to athletes during handball games according to the "Coaching Model" perspective. **Movements & Sport Sciences**, v.76, p.11-23, 2012.

DEBANNE, T.; FONTAYNE, P.; BOURBOUSSON, J. Professional handball coaches management of players' situated understanding during official games. **Psychology of Sport & Exercise**, p.1-27, 2014.

DEBANNE, T.; LAFFAYE, G. Coaches' beliefs and knowledge: Training programs used by French professional coaches to increase ball-throwing velocity in elite handball players. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v.8, n.3, p.557-569, 2013.

DELLAGRANA, R. et al. Composição corporal, maturação sexual e desempenho motor de jovens praticantes de handebol. **Motriz**, v.16, n.4, p.880-888, 2010.

DOHERTY, A.J.; DANYLCHUK, K.E. Transformational and Transactional leadership in interuniversity athletics management. **Journal of Sports Management**. v.10, p.292-309, 1996.

EHRET, A. et al.. Manual de handebol: treinamento de base para crianças e adolescentes. São Paulo: Phorte Editora; 2002.

ELENA, B. The importance of anticipation in increasing the defense efficiency in high performance handball. **Social and Behavioral Sciences**, v.76, p.77-83, 2013.

FERNANDEZ-RIOS, L.; BUELA-CASAL, G. Standards for the preparation and writing of Psychology review articles. **International Journal of Clinical and Health Psychology**, v.9, n.2, p.329-344, 2009.

FERNÁNDEZ ROMERO, J.J. et al. **Balonmán: manual básico**. Santiago: Edicións Lea, 1999.

FEU MOLINA, S.; IBAÑEZ GODOY, S.; GONZALO DELGADO, M. La formación inicial de los entrenadores de balonmano para la enseñanza del deporte en la edad escolar. **Cultura, Ciencia y Deporte**, v.5, n.14, p.109-117, 2010a,

FEU MOLINA, S.; IBAÑEZ GODOY, S.; GONZALO DELGADO, M. Influencia de la formación formal y no formal en las orientaciones que adoptan los entrenadores deportivos. **Revista de Educación**, v.353, p.615-640, 2010b.

FEU MOLINA, S. et al. Decision and planning style of Spanish handball coaches. **Open Sports Sciences Journal**, v.3, n.1, p.111-117, 2010.

FEU MOLINA, S. et al. El conocimiento profesional adquirido por el entrenador de balonmano: experiencias y formación. **Revista de Psicología del Deporte**, v.21, n.1, p.107-115, 2012.

FISCHER, L. et al. Perceptual-cognitive expertise of handball coaches in their young and middle adult years. **Journal of Sports Science**, v.34, n.17, p.1637-1642, 2016.

GALATTI, L.R. et al. O ensino dos jogos esportivos coletivos: Avanços metodológicos dos aspectos

estratégico-tático-técnicos. **Pensar a Prática**, v.20, n.3, 2017.

GALVAO, T.F.; PANSANI, T.S.A.; HARRAD, D. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v.24, n.2, p.335-342, 2015.

GARGANTA, J. **Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos**. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds.). O ensino dos jogos desportivos. Porto: CEJD/FCDEF/Universidade do Porto, 1998.

GOMES, R.; PAIVA, P. Liderança, compatibilidade treinador-atleta e satisfação no andebol: percepção de atletas novatos e experientes. **Psico-USF**, v.15, n.2, p.235-248, 2010.

GRANERO-GALLEGOS, A. et al.. Importance of the Motivational Climate in Goal, Enjoyment, and the Causes of Success in Handball Players. **Frontiers in Psychology**, v.8, p.2081, 2017.

Greco P.J. Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos. In: Garcia ES, Lemos KLM. **Temas Atuais VI em Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Saúde Ltda., p.48-72, 2001.

HAGEMANN, N.; STRAUSS, B.; BUSCH, S. The complex problem-solving competence of team coaches. **Psychology of Sport and Exercise**, v.9, p.301-317, 2008.

HALLAJY, M.; JANANI, H.; FALLAH, Z. Modeling the effect of coaches' leadership styles on athletes satisfaction and commitment in Iranian Handball Pro League. **World Applied Sciences Journal**, v.14, n.9, p.1299-1305, 2011.

HIGGINS, J.; GREEN, S. **Cochrane handbook for systematic reviews of interventions** (Vol. 5). England: West Sussex: John Wiley & Sons Ltd, 2008.

HODKINSON, P.; BIESTA, G.; JAMES, D. Understanding learning culturally: Overcoming the dualism between social and individual views of learning. **Vocation and Learning**, v.1, p.27-48, 2008.

HOIGAARD, R. et al. Perceived coach behavior in training and competition predicts collective efficacy in female elite handball players. **International Journal of Sport Psychology**, v.46, p.321-336, 2015.

IBAÑEZ GODOY, S. El Perfil de los entrenadores de balonmano. La formación como factor de cambio. **Revista de Ciencias del Deporte**, v.2, n.4, p.67-68, 2006.

JONES, R.; THOMAS, G.L. Coaching as 'scaffolded' practice: further insights into sport pedagogy. **Sports Coaching Review**, v.4, n.2, p.65-79, 2015.

KONIG, S. Coaching performance and leadership behaviours in team sports. **Sportwissenschaft**, v.10, p.1-11, 2013.

LEE, Y.; KIM, S.H.; KANG, J.H. Coach leadership effect on elite handball players' psychological empowerment and organizational citizenship behavior. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v.8, n.2, p.327-342, 2013.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa; desdobramentos**. Caxias do Sul: Educus, 2003.

LEONARDO, L.; SCAGLIA, A.J.; REVERDITO, R.. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. **Motriz**, v.15, n.2, p.236-246, 2009.

LIMA, C.; MATIAS, C.; GRECO, P.J. O conhecimento tático de métodos de ensino combinados e aplicados em sequências inversas no voleibol. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.26, n.1, p.129-47, 2012.

LINES, G.. Villains, fools or heroes ? Sports stars as role models for young people. **Leisure Studies**, v.20, p.285-303, 2001.

LOZANO, D.; CAMERINO, O.; HILENO, R. Análisis del comportamiento tático ofensivo en momentos críticos de juego en el alto rendimiento en balonmano: Un estudio Mixed Methods. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v.16, n.1, p.151-159, 2016.

LUJAN GUZMAN, J.F.; GARCIA FERRIOL, A.; CERVELLO GIMENO, E. Percepción de competencia de las jugadoras y de criterios de éxito del entrenador como predictores de la orientación de metas en balonmano de base. **Revista de Psicología del Deporte**, v.14, n.1, p.7-19, 2005.

LUJAN GUZMAN, J.F.; CALPE-GOMEZ, V. Preliminary study of coach verbal behaviour according to game actions. **Journal of Human Sport & Exercise**, v.7, n.2, p.376-382, 2012.

LUJAN GUZMAN, J.F. et al. Una observación sistemática de las conductas verbales de los entrenadores en función de las acciones de juego competitivas. **Revista de Psicología del Deporte**, v.23, n.2, p.301-307, 2014.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica**. (8.ed). Brasil: São Paulo: Atlas, 2017.

MARQUES, R.F.R.; NUNOMURA, M.; MENEZES, R.P. Sports coaching science in Brazil. **Sports Coaching Review**, v.5, n.2, p.132-137, 2016.

MATIAS, C.; GRECO, P.J. Cognição e ação nos jogos esportivos coletivos. **Ciências e Cognição**, v.15, n.1, p.252-271, 2010.

MATTHYS, S.P.J. et al. The contribution of growth and maturation in the functional capacity and skill performance of male adolescent handball players. **International Journal of Sports Medicine**, v.33, p.543-5449, 2012.

MEEUS, M., SERPA, S.; DE CUYPER, B. The effects of video feedback on coaches' behavior and the coach-athlete relationship. **Journal of Clinical Sport Psychology**, v.4, p.323-340, 2010.

MELLENDEZ-FALKOWSKI, M.M.; ENRIQUEZ-FERNÁNDEZ, E. **Los sistemas de juego defensivos**. Madrid: Editorial Esteban Sanz Martínez, 1988.

MELETAKOS, P. et al. Effects of athletic and coaching experience on coaching efficacy in team sports. **Gazzetta Medica Italiana Archivio per le Scienze Mediche**, v.172, n.6, p.457-464, 2013.

MENEZES, R.P.. **Modelo de análise técnico-tática do jogo de handebol**: necessidades, perspectivas e implicações de um modelo de interpretação das situações de jogo em tempo real. 2011. 303f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

MENEZES, R.P. Contribuições da concepção dos fenômenos complexos para o ensino dos esportes coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v.18, n.1, p.34-41, 2012.

MENEZES, R. Possibilidades de ensino-aprendizagem no handebol: Análise do sistema defensivo 3:3. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 70-82, 2013.

MENEZES, R.P.; MARQUES, R.F.R.; MORATO, M.P. Percepção de treinadores de andebol sobre variáveis defensivas e ofensivas do jogo na categoria sub12. **Motricidade**, v.12, n.3, p.6-19, 2016.

MENEZES, R.P.; MARQUES, R. F. R.; NUNOMURA, M.. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p.351-373, mar. 2014.

MENEZES, R.P.; MARQUES, R.F.R.; NUNOMURA, M. O ensino do handebol na categoria infantil a partir dos discursos de treinadores experientes. **Movimento**, v.21, n.4, p.463-477, 2015.

MENEZES, R.P.; MORATO, M.P.; MARQUES, R.F.R. Estratégias de transição ofensiva e defensiva no handebol na perspectiva de treinadores experientes. **Journal of Physical Education**. v.27, 2016.

MENEZES, R.P.; MORATO, M.P.; REIS, H.H.B. Análise do jogo de handebol na perspectiva de treinadores experientes: Categorias de análise ofensivas. **Revista de Educação Física**, v.26, n.1, p.11-20, 2015.

MENEZES, R. et al. Teaching handball to u-16 and u-18 women's teams: coaches' perspective on the long-term. **Motriz**, v.24, n.4, p.1-9, 2018.

MENEZES, R.P.; REIS, H.H.B. Análise do jogo de handebol como ferramenta para a sua compreensão técnico-tática. **Motriz**, v.16, n.2, p.458-467, 2010.

MENEZES, R.; REIS, H.H.B. Relação entre eficácia defensiva e elementos técnico- táticos do handebol a partir dos discursos de treinadores experientes. **Revista da Educação Física**, v.25, n.4, p.513-526, 2014.

MENEZES, R.P.; REIS, H.H.B. Os discursos dos treinadores de handebol sobre as variáveis individuais e coletivas determinantes para o jogo ofensivo e as possíveis relações com o contexto pedagógico. **Journal of Physical Education**, v.28, p.e2818, 2017a.

MENEZES, R.P.; REIS, H.H.B. Comportamentos ofensivos diante de diferentes cenários defensivos no handebol a partir da opinião de treinadores experientes. **Journal of Physical Education**, v.28, p.e2821, 2017b.

MENEZES, R.P.; REIS, H.H.B. O jogo defensivo diante de diferentes sistemas ofensivos no handebol: análise do cenário técnico-tático e reflexões sobre o ensino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.39, n.2, p.168-175, 2017c.

MENEZES, R.P.; REIS, H.H.B.; TOURINHO FILHO, H. Ensino-aprendizagem-treinamento dos elementos técnico-táticos defensivos individuais do handebol nas categorias infantil, cadete e juvenil. **Movimento**, v.21, n.1, p.261-273, 2015.

MESQUITA, I. et al. Handball coaches' perceptions about the value of working competences according to their coaching background. **Journal of Sports Science and Medicine**, v.10, p.193-202, 2011.

MESQUITA, I. et al. Self-efficacy, perceived training needs and coaching competences: The case of Portuguese handball. **European Journal of Sport Science**, v.12, n.2, p.168-178, 2012.

MESQUITA, Isabel. **Investigação na formação de treinadores. Identidade profissional e aprendizagem**. 1. ed. Universidade do Porto: Porto, 2016.

MILISTETD, M. et al. Coaches' development in Brazil: structure of sports organizational programmes. **Sports Coaching Review**, 2016.

MILISTETD, M. et al. A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: desafios da formação inicial universitária em educação física. **Pensar a Prática**, v.18, n.4, p.982-994, out./dez., 2015.

MILISTETD, M. et al. Coaching and coach education in Brazil. **International Sport Coaching Journal**, v.1, p.165- 172, 2014.

MODOLO, F.; BELATRAMINI, L.; MENEZES, R. Revisão sistemática sobre o processo de ensino e de análise do goleiro de handebol. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v.18, n.3, p.232-249, 2018.

MODOLO, F. et al. Contextos e situações de aprendizagem de treinadores de handebol em âmbito escolar. **Movimento**, v.23, n.4, p.1203-1216, 2017.

MOESCH, K.; APITZCH, E. How do coaches experience psychological momentum? A qualitative study of female Elite handball teams. **The Sports Psychologist**, v.26, n.3, p.435-453, 2012.

MOREIRA, I.; TAVARES, F.. Configuração do processo ofensivo no jogo de andebol pela relação cooperação/oposição relativa à zona da bola. Estudo em equipas portuguesas de diferentes níveis competitivos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.4, n.1, p.29-38, 2004.

MUSA, V. et al. Representações dos treinadores sobre o papel das instituições reguladoras do handebol para a sua formação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.51a, p.298- 306, 2017.

NELSON, L.; CUSHION, C.; POTRAC, P. Formal, nonformal and informal coach learning: A holistic conceptualisation. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v.1, n.3, p.247-258, 2006.

OLIVER CORONADO, J.F.; SOSA GONZÁLEZ, P.I. **La actividad física y deportiva extraescolar en los centros educativos: Balonmano**. Ministerio de Educación y Cultura, Consejo Superior de Deportes, Barcelona, 1996.

PRIETO, J.; GOMEZ, M.A.; SAMPAIO, J. A bibliometric review of the scientific production in handball. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v.15, n.3, p.145-154, 2015.

PULIDO, J.J. et al. Influencia de la formación de los entrenadores sobre la motivación de los deportistas. **Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y del Deporte**, v.16, n.64, p.685-702, 2016.

RAMOS, V.; BRASIL, V.; GODA, C. A aprendizagem profissional na percepção de treinadores de jovens surfistas. **Revista de Educação Física**, v.23, n.3, p.431- 442, 2012.

RAMOS, V.; GRAÇA, A.; NASCIMENTO, J. A representação do ensino do basquetebol em contexto escolar: estudos de casos na formação inicial em educação física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.20, n.1, p.37-49, jan./mar., 2006.

RÉ, A. et al. Relações entre crescimento, desempenho motor, maturação biológica e idade cronológica em jovens do sexo masculino. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.19, n.2, p.153-162, 2005.

REIS H.H.B. **O ensino dos jogos coletivos esportivizados na escola**. 1994. 75 f. Dissertação de Mestrado, Centro de Educação Física e Desporto, Universidade Federal de Santa Maria.

RICCI, G. et al. Avaliação da aprendizagem do handebol por jovens entre 11 e 14 anos a partir do método situacional, **Pensar a Prática**, v.14, n.1, p.1-18, 2011.

RIVILLA-GARCIA, J. et al. ICT resources improve sports teaching processes in handball ? **Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte**, v.14, n.53, p.53-67, 2014.

RODRIGUES, H.A. **Formação e desenvolvimento profissional do treinador: Um estudo sobre os treinadores de basquetebol, suas identidades e saberes**. 2014. 233f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SANTANA, W.C. **A visão estratégico-tática de técnicos campeões da Liga Nacional de Futsal**. 2008. 260f. Tese Doutorado. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

SCAGLIA, A. et al. O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p.227-249, 2013.

SILVA, J. **Modelação Tática do Processo Ofensivo em Andebol. Estudo de situações de igualdade numérica, 7 vs 7, com recurso à Análise Sequencial**. 2008. 315f. Tese Doutorado. Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, 2008.

SILVA, M.; GRECO, P.J. A influência dos métodos de ensino-aprendizagem-treinamento no desenvolvimento da inteligência e criatividade tática em atletas de futsal. **Revista de Educação Física e Esporte**. v.23, n.3, p.297-307, 2009.

SONOO, C.; HOSHINO, E.; VIEIRA, L. Liderança esportiva: estudo da percepção de atletas e técnicos no contexto competitivo. **Psicologia: Teoria e Prática**, v.10, n.2, p.68-82, 2008.

TEOLDO, I. et al. O Teaching Games for Understanding (TGfU) como modelo de ensino dos jogos desportivos coletivos. **Revista Palestra**, v.10, p.69-77, 2010.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J.. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012. 478 p.

TONG, A. et al. Enhancing transparency in reporting the synthesis of qualitative research: ENTREQ. **BMC Medical Research Methodology**, v.12, p.181, 2012.

VOLPATO, G.L. **Método lógico para redação científica**. Brasil: Botucatu: Best Writing, 2011.

ÇELIK, V.O.; YALÇINKAYA, K. An examination of charismatic leadership characteristics of handball coaches: Perceptions of handball players. **Journal of Physical Education & Sports Science**, v.9, n.1, p.118-132, 2015.